

B



Centro de Estudos Filosóficos

Rogério Santos Braga 9430431
Universidade Federal do Ceará
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Curso de Arquitetura e Urbanismo
Fortaleza – Ceará, Abril de 2002
Orientador: Prof. Ricardo Bezerra

CAPA: A Escola de Atenas – Raphael Sanzio (1483-1520) – Fonte: Riproduzione vietata, Tipografia Vaticana, fotocópia colorida

B

Dedicatória

Dedico esse trabalho à memória saudosa de minha colega Lise-Anne Bezerra Martins. Irmã de meu caro amigo Jório, filha de meus estimados: Sr. Francisco Soares e Sra. Maria Francisca. Ela permanece. *Ars Longa, Vita Brevis.*

Aos meus pais. Por tudo. Sem eles, principalmente eles, eu não teria conseguido chegar até aqui. Aos meus irmãos. Aos meus grandes amigos que seguem comigo há vários anos; e à todos aqueles que de uma maneira ou de outra contribuíram para minha formação, tanto humana como acadêmica.

Aos professores do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, professor Ricardo Bezerra; por sua disponibilidade e solicitude, por sua orientação séria e responsável e por seu freio providencial a pequenos desvios e idiossincrasias formais recorrentes. Aos colegas da cadeira de Projeto Urbanístico 4, período letivo de 2001/1; que gentilmente cederam mapas, fotos e subsídios de informação para a parte urbanística desse projeto; agradecimento em especial à colega Fernanda Lustosa, por sua atenção, e pertinentes observações que complementaram na formulação das idéias para o Bairro do Benfica.

Ao professor Romeu Duarte Jr. e ao professor Ricardo Muratori.

À professora Mirtes Miriam Amorim, pelas conversas e pela contribuição no trabalho. À amiga Eveline Sampaio, por sua ajuda na digitalização de imagens e empréstimo de livros. Ao meu grande amigo Leonardo, por sua consultoria estrutural, pela impressão de prova inicial desse mesmo documento.

Ao amigo Wagner, pelo acréscimo magistral dado ao trabalho com seu talento artístico.

Aos funcionários do Departamento de Arquitetura e Urbanismo

A todos que me ajudaram de alguma forma no período da faculdade, e no decurso de minha vida.

E por último, mas não menos importante; aos meus pais, por seu amor e sua paciência nesses, por vezes conturbados e difíceis anos na Universidade.

s u m á r i o

Dedicatória	02
Agradecimentos	03
Lista de tabelas e figuras	05
Apresentação	06
Metodologia	07
1 Introdução ao trabalho	08
<i>Por que Filosofia?</i>	09
<i>Por que um Centro de Estudos Filosóficos?</i>	
<i>Filosofia hoje</i>	12
2 Estética	14
<i>Considerações sobre estética</i>	15
Introdução	
Estética	16
<i>Vejo, logo existo: O valor existencial do belo</i>	18
O gosto	19
Estética e arquitetura	21
O gosto em arquitetura	25
Estética aplicada: posicionamentos	28
Forma X Função	30
Arquitetura e a estética da globalização	32
Posicionamentos finais sobre uma estética contemporânea	36

3 Consultoria filosófica

38

<i>Cafés e consultórios filosóficos: Novas formas de vivenciar a filosofia</i>	39
<i>Consultoria filosófica: O que é?</i>	41
<i>Consultórios filosóficos no Brasil e no Ceará</i>	44
<i>A problemática da consultoria filosófica e as práticas terapêuticas tradicionais</i>	47
4 Jardim de Epicuro	52

5 Benfica

58

<i>Considerações sobre a área a ser implantado o Centro de Estudos Filosóficos e idéias para o bairro e o pólo cultural do Benfica</i>	59
Introdução	
<i>O bairro – breve leitura urbanística</i>	60
Propostas	67

6 O projeto

70

<i>O espaço existencial e Memorial explicativo do partido Da esfera e do conceito filosófico, espacial e arquitetônico do projeto</i>	71
O partido	74
Quadro geral de áreas do projeto	81
As cúpulas geodésicas	83

<i>Da pertinência do anfiteatro no Centro de Estudos Filosóficos</i>	85
<i>A tragédia grega e sua importância para a civilização ocidental.</i>	
Bibliografia	88
Glossário de palavras e termos gregos, latinos e estrangeiros	90
	93

7 Perspectivas

Anexos

- Anexo 1 - MAPA DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO – BENFICA
- Anexo 2 – MAPA DE PROPOSTAS/ IDÉIAS PARA O BENFICA
- Anexo 3 - FOTO AÉREA DO TERRENO E ENTORNO
- Anexo 4 - PROJETO

Lista de tabelas

Tabela 1 - ÁREA, POPULAÇÃO, DENSIDADE E NÚMERO DE DOMICÍLIOS DO GRANDE BENFICA –1999 – PÁG. 61 – FONTE: IBGE E PMF (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística & Prefeitura Municipal de Fortaleza)

Tabela 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS CHEFES DE FAMÍLIA POR FAIXAS DE RENDA NO GRANDE BENFICA – 1996 – PÁG. 62 - FONTE: IBGE E PMF (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística & Prefeitura Municipal de Fortaleza)

Lista de ilustrações

- 1 – Parthenon; fonte: <http://acm.poly.edu/~pente/greekfacts.html> PÁG 24
- 2 – Posto de estiva; Lelé; fonte:
http://www.uol.com.br/bienal/4bia/salas/iao_lele02.htm PÁG. 28
- 3- High Museum; Meyer; fonte:<http://cspphoto.net/MUSEUMS/MUS-HIGH/museums-high-c-17.htm> PÁG. 29
- 4 – Edifício Seagram; Mies; fonte: Curtis, William J.R. *Modern Architecture since 1900*, Nova Jersey, Prentice Hall, pág. 408 – Imagem digitalizada em tons de cinza. PÁG. 30
- 5 – Hotel Unique; Ruy Ohtake; fonte: Revista Época Ano IV, n.º191, 14 de janeiro de 2002; imagem digitalizada. PÁG. 31

- 6 – Guggenheim de Bilbao; Frank Gehry; fonte:
http://www.scdm.com/html_net/nicres.htm PÁG. 31
- 7 – Gráfico de CorelDraw a partir de imagem de:
<http://rodin.privatewww.essex.ac.uk/~alan/gl/pix/fullsize/rodin.html> PÁG. 39
- 8- Café dès Phares; fonte: Sautet, Marc, *Um café para Sócrates – como a filosofia pode ajudar a compreender o mundo de hoje*, Paris, José Olympio, 1998, pág 01; Imagem digitalizada PÁG. 40
- 9 – Marc Sautet, fonte: Sautet, Marc, *Um café para Sócrates – como a filosofia pode ajudar a compreender o mundo de hoje*, Paris, José Olympio, 1998, (contracapa) Imagem digitalizada PÁG. 41
- 10 - Epicuro, fonte: <http://www.epicurus.net/history.html>, PÁG. 53
- 11 - Praça da Gentilândia; fonte: foto de trabalho de Projeto Urbanístico 4, semestre 2001/1. PÁG. 63
- 12 – Foto aérea da Reitoria; fonte: foto de trabalho de Projeto Urbanístico 4, semestre 2001/1 – MIS – Museu da Imagem e do Som PÁG. 64
- 13 – Shopping Benfica; fonte: foto de trabalho de Projeto Urbanístico 4, semestre 2001/1. PÁG. 65
- 14 – Caixas d’água; fonte: foto de trabalho de Projeto Urbanístico 4, semestre 2001/1. PÁG. 66 – MIS – Museu da Imagem e do Som
- 15 – Escola de Atenas; fonte: Riproduzione vietata, Tipografia Vaticana; imagem digitalizada de gravura original. PÁG. 74
- 16 – Foto da maquete da coluna do edifício do setor pedagógico – Rogério Braga PÁG. 75
- 17 – Foto da maquete estrutural de cúpula geodésica formada por segmentos esféricos com entrelaçamento paralelo – Rogério Braga. PÁG 76
- 18 – Cúpula de Santa Maria Del Fiori; fonte:
http://www.scdm.com/html_net/nicres.htm PÁG. 77
- 19 Gravura representando o “círculo do espaço existencial”; fonte: Norberg-Schulz,(1971) Christian Space, Time and Architecture, Londres, Studio Vista, pág. 20 – PÁG. 78
- 20 – Buckminster Fuller, fonte:
<http://inventors.miningco.com/library/graphics/bucky1.jpg> PÁG. 83
- 21 – Derivação geométrica de domo geodésico, fonte:
Engel, Heino (1981) *Sistemas de estruturas*, Stuttgart: Hemus pág 100 – PÁG. 84
- 22 - Anfiteatro; - PÁG. 85 fonte:
<http://uahc.org/congs/me/me001/images/Israel%20JPG/caesareabutt.JPG>

Apresentação

"Você pensa que filosofia é difícil o bastante; mas eu posso dizer para você que é nada comparado à dificuldade de ser um bom arquiteto"

(Ludwig Wittgenstein – 1930)

O presente trabalho refere-se ao projeto de um espaço que chamamos de Centro de Estudos Filosóficos. A edificação foi concebida como um espaço plural onde serão abrigadas atividades relacionadas à educação da filosofia, disseminação e prática filosófica. Um equipamento que surge de uma fusão de elementos programáticos de uma escola de ensino superior, com um jardim, centro cultural, anfiteatro, consultórios filosóficos e Cafés *Philos*, os cafés de debates filosóficos. A proposição arquitetônica desse lócus peculiar vem acompanhada de uma explanação filosófica e uma proposta urbanística esboçada para a inserção do edifício no futuro Pólo Cultural do Benfica.

Metodologia

Para a realização deste trabalho final de graduação foi realizado um levantamento bibliográfico acerca do tema estudado. Foram pesquisados livros, artigos, textos em periódicos (jornais e revistas) acerca de temas afins de arquitetura e filosofia. Para a escolha do terreno onde será implantado o projeto foram realizadas visitas ao bairro do Benfica ; para estabelecer o local de implantação do projeto. Foram realizadas pesquisas cartográficas da área, com mapas e fotografias aéreas. Para a definição programática do Centro foram feitas entrevistas com a professora de filosofia da UFC, Mirtes Miriam Amorim, as quais contribuíram na elaboração dos conceitos filosóficos e textos elucidativos sobre o projeto e sobre estética.



i n t r o d u ç ã o a o t r a b a l h o

Trabalho e Autonomia

Por que FILOSOFIA? Por que um Centro de Estudos Filosóficos?

“O arquiteto apresenta-se em minha imaginação não como um gênio, mas como um homem de verdade, um homem do mundo, um filósofo, a fim de assegurar que o edifício concluído seja uma totalidade ética, por maior ou menor que possa ser.”
(Louis H. Sullivan; Kindergarten Chats 1902)

Os filósofos são alunos. Só os sábios são mestres. Os alunos precisam de mestres, de livros de um espaço para debater, para contestar e pensar. Filosofia vem do grego, *philo*¹ que deriva de *Philia*, amizade, benquerença, amor filial, *Sophia* significa sabedoria. Daí temos *sophos*, sábio. Filosofia significa portanto “amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber. Filósofo, o que ama a sabedoria, tem amizade pelo saber, deseja saber” (Chauí, 1992: p 26) A filosofia surge na vida de qualquer pessoa como uma indagação, uma certa atitude filosófica perante o mundo. Quando questionamos a realidade que nos cerca; quando estamos tendo dúvidas sobre as pretensas verdades pré-estabelecidas; quando enfim esboçamos uma atitude crítica perante o mundo, estamos assumindo assim uma postura filosófica.

1 – Para essa e demais palavras em outros idiomas vide Glossário, pág. 82 neste documento

E qual seria a utilidade prática da filosofia em nossa sociedade, em nosso contexto? A *priori*, nenhuma. Ironia recorrente entre estudantes de filosofia é considerá-la: "... uma ciência com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual" (*op. cit.* 92; p. 23)

Entende-se, pelo menos, que uma postura filosófica, questionadora, pode ser veículo de transformação da realidade. O contestador filosófico identificando injustiças, comportamento antiéticos, idiossincrasias pessoais, absurdos na política, pode apontá-los e trabalhar no intuito de mudar a realidade vigente.

A utilidade da filosofia em nossa sociedade pode parecer nula a partir do próprio ponto de vista do sistema, da realidade macro em que vivemos. O *útil* em nossa sociedade é exatamente o que dá prestígio, poder, fama e riqueza. E esse mesmo sistema julga a utilidade intrínseca das coisas a partir dos resultados visíveis das coisas e das ações, identificando utilidade e a famosa expressão da lei de Gérson: de levar vantagem em tudo.

E por que, afinal, filosofia? Por que essa deliciosa "inutilidade" nos atrai tanto quando nos apercebemos de sua verdadeira amplitude, e de suas infinitas possibilidades?

Alguns de nós, que se permitem conhecer a filosofia, entendem perfeitamente quando Platão denomina-a de esse "caro deleite". Procuramos sempre, com prazer mesmo, os significados, as respostas; os conceitos do eternamente bom, do eternamente belo, do eternamente verdadeiro. Questionamos o conceito de eterno. Aprendemos com os grandes mestres do passado. Aprendemos com os grandes mestres do dia-a-dia; como disse Emerson "Em todo

homem há algo que eu posso aprender com ele; e nisso, sou seu discípulo.” Quem de nós não quer compreender, aprender? O por quê de nossas pulsões, de nossos desejos, a condição humana, a problemática da ética, da política. A filosofia é isso e, evidentemente, ainda abarca uma infinitude de significados. Praticamente todos os grandes filósofos deram sua definição. Poderíamos citar infinidáveis definições pessoais do que seria filosofia. A utilidade e pertinência da filosofia depende do julgamento de cada um. De acordo com a ótica vigente ela é inútil e como diz Marilena Chauí, ela defende o direito da inutilidade. Mas sobre a filosofia podemos citar um dos grandes pilares fundadores de toda a filosofia ocidental; Sócrates, em seu diálogo com Crito:

“Sê razoável, então, e não te preocipes se os professores de filosofia são bons ou ruins, mas pensa apenas na Filosofia propriamente dita. Tenta examiná-la bem e com sinceridade; e se ela for má, procura afastar dela todos os homens; mas se ela for o que acredito que é, segue-a, serve-a, e fica contente.” (In Durant, 1991: p. 28)

Filosofia hoje

A filosofia deveria ser algo que permeasse a vida de todos nós. No seu berço, a Grécia, era exatamente assim. A filosofia era “feita” em praça pública, pelo homem comum, pelo cidadão livre, e é assim que deveria ser. As inquietações existenciais são inerentes ao gênero humano desde que desenvolvemos a capacidade de pensar. A necessidade de traduzir isso em um gesto arquitetônico, concebendo um espaço em que a reflexão, o ensino, o debate, a consulta filosófica tenham seu lócus especial vem dessa premissa básica.

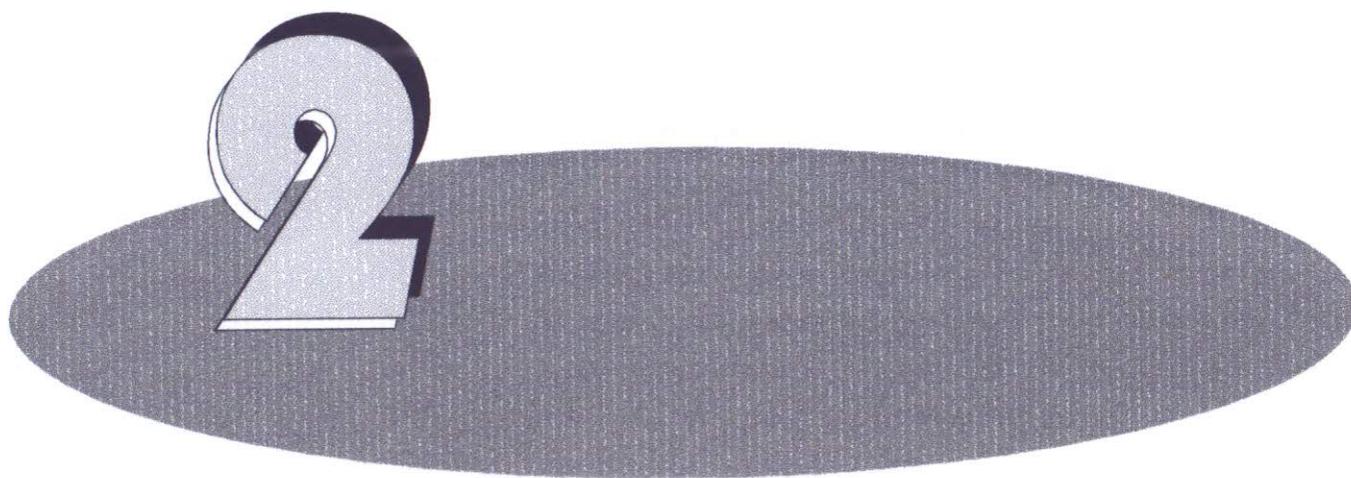
A síntese da concepção espacial do Centro seria a sua tríade geratriz conceitual composta pelo jardim, consultórios e escola. E ainda o café filosófico como agregado no programa principal. A atividade de aconselhamento filosófico, prática filosófica e produção de conhecimento acadêmico propriamente dito tomariam parte nesse lugar. Seria um lugar concebido com o intuito de fornecer à nossa sociedade o *Phármakon* proposto por Epicuro.¹ O filósofo retomaria a sua tarefa de médico de almas, de filósofo pedagogo. O filósofo, aluno por excelência, traria, através da reflexão filosófica o remédio para curar as pessoas que estão atormentadas, pelas chamadas falsas crenças, como nos diz Diógenes de Enoanda,² e pelos simulacros, pelos vultos na caverna que embotam a percepção da realidade das coisas como na caverna de Platão.

1 Ver nesse documento o Texto “Jardim de Epicuro”, pág 48.

2 Ver o mesmo texto supracitado.

As pessoas hoje buscam todo o tipo de ajuda para lidar com os mais diversos problemas que, para elas, são esmagadores. Nessas situações buscamos consultórios de psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, conselheiros matrimoniais ou até um médico, para tratar de “doenças mentais”. Ou ainda consultar um conselheiro espiritual ou se voltar para a religião em busca de orientação. Algumas pessoas recebem ajuda nesses lugares. Também podem ter passado por discussões sobre sua infância, a análise do seu padrão de comportamento, recebido prescrições para antidepressivos ou escutado argumentações sobre a sua natureza pecadora ou o perdão de Deus, muitas vezes não conseguindo atingir o âmago de seu conflito.

O aconselhamento filosófico e o aprofundamento e o estudo e a atividade filosófica e especulativa surge aí então como uma outra vertente, uma segunda via. Procuram o discernimento para seus problemas e inquietações a partir das grandes tradições da sabedoria mundial. As pessoas estão se dando conta que a filosofia abarca todas as vastas complexidades que caracterizam a vida humana. E podemos sim, encontrar respostas para o mal estar (a Náusea, como diria Sartre) em relação a nossa realidade, em suas mais variadas facetas, à atividade profissional, especificamente, ao exercício da arquitetura, suas questões filosóficas intrínsecas, e à sua crítica, sem apelar para o fatalismo, o pessimismo e o cinismo ou, pior, (...) ao comodismo.



Considerações sobre Estética

Introdução

No presente trabalho considerou-se importante fazer algumas considerações sobre o estudo da estética na filosofia. Para fins didáticos e de sub-divisão e sistematização de seu estudo, a filosofia abrange cinco campos de estudo, pesquisa e discurso: a lógica, a estética, a ética, a política e a metafísica.

A Lógica é o estudo do método ideal de pensamento e pesquisa: observação e introspecção, dedução e indução, hipótese e experimento, análise e síntese. Essas são formas da atividade humana que a lógica tenta compreender e orientar.

A Estética, que é a parte da filosofia que vai nos interessar nessa investigação específica; define-se comumente como o estudo da forma ideal ou beleza; é a filosofia da arte. Estudaremos também a estética específica da arquitetura e noções de percepção visual e concepções filosóficas da percepção humana e o espaço.

A ética é o estudo da conduta ideal, é o conhecimento do bem e do mal, o conhecimento da sabedoria de vida. A Política é o estudo da organização social ideal; monarquia, aristocracia, democracia, socialismo, anarquismo, feminismo; estes são alguns dos *dramatis personae* da filosofia política. E há ainda a metafísica, que é o estudo da chamada “realidade máxima” de

todas as coisas: da natureza real e final da matéria (ontologia), da mente (psicologia filosófica), e da inter-relação de “mente” e “matéria” nos processos de conhecimento (epistemologia)

Estética

As questões sobre o belo, e a apreciação estética, as sutilezas e refinamentos filosóficos de variações sobre o tema são infinitas. O que é o belo? Há um conceito ou um consenso universal sobre o belo? Sobre a qualidade e apreciação estética de uma obra de arte, de um edifício, ou mesmo da natureza ou de um fenômeno natural? E o gosto? Como interfere nessa percepção e apreciação? E o intelecto? As condições sócio-econômica-histórico-culturais? Percebemos que a questão é complexa, e que longe de alcançarmos verdades absolutas estaremos no caminho correto a partir do momento em que formularmos as perguntas corretas. Tentemos ter em mente que simplesmente não podemos dissociar a arte, por conseguinte a arquitetura, da filosofia, como diz Merleau Ponty (Citado em Chauí,1992: p. 117) “Filosofia e arte juntas, não são fabricações arbitrárias no universo da cultura mas contato com o ser justamente enquanto criações”

O belo de Immanuel Kant sob os pressupostos do idealismo alemão; correlaciona planejamento e beleza. É belo para Kant qualquer coisa que revele simetria e unidade de estrutura, como se tivesse sido planejada pela inteligência. É uma concepção particular do filósofo. Com um viés nitidamente clássico, corrobora com os valores de estabilidade e racionalidade greco-romanos correlacionando-os com sua concepção de beleza.

Ao apreendermos um objeto estético confrontamo-lo com conceitos de natureza, forma e mundo. Dufrenne (1981: p. 19) tenta demonstrar que a imaginação está na base da percepção e deve ser encarada como sua colaboradora. A percepção não é um ato passivo de recepção de estímulos, é sim um processo em que a imaginação tem participação efetiva.

E que referencial usamos *a priori* ao apreendermos qualquer coisa, e não apenas esteticamente? Nosso próprio corpo, responde Dufrenne (*op. cit.*: p.21) Em relação a participação do intelecto, devemos tomar cuidado para não superestimar sua influência, sob o risco de tornar a experiência estética em mero exercício racional.

Certamente não devemos de maneira alguma menosprezar ou subestimar a experiência estética para a condição humana. Os trogloditas idealizadores das pinturas rupestres de Lascaux, e os pré-históricos executores das Vênus de argila, símbolos de fecundidade, de ritos religiosos de celebração de uma provável deidade-mãe, queriam algo mais do que especulamos. A respeito da condição humana e da estética nos diz Dufrenne (*op.cit.*: p.27):

O homem é um ser - no - mundo, e estar no mundo leva o homem a buscar o fundamento que consiste no acordo do homem com o mundo. Daí a importância da experiência estética. Ela reconcilia o homem consigo mesmo. Ela manifesta a aptidão do homem para a ciência e para a moralidade. E isso porque a experiência estética se situa na origem, naquele ponto em que o homem, confundido inteiramente com as coisas, experimenta sua familiaridade com o mundo.

Vejo, logo existo

O valor existencial do belo.

Na vida temos uma necessidade de alcançar valores, sejam eles quais forem. Mas o valor não é só o que se procura. É aquilo que é encontrado. O objeto porque é valor persevera e reafirma sua existência. Os valores usualmente se sub-dividem em: o útil, o agradável, o amável, o verdadeiro, o bom e o belo. Cada qual corresponde a um modo específico de intencionalidade e o conjunto compreende o campo das relações do objeto com o sujeito.

A tendência humana é trabalhar com dicotomias, antagonismos óbvios e maniqueísmos. A Estética procura definir e estudar o belo. Mas o que não é belo, seria exatamente o quê? A antítese do belo seria o feio? Ao contrário do que geralmente pensamos Dufrenne (*op. cit.*: p.31) explica: “o belo é o perfeito, o acabado. O contrário do belo, por conseguinte não é o feio é o abortivo, no caso de uma obra criada com pretensões de objeto estético”

A visão humana é esse sentido que nos permite a imersão no mundo real, o contato com as manifestações perceptíveis por nossa retina convida-nos a meditar sobre a natureza de tudo o que vemos. Tentamos compreender as coisas a natureza, procuramos aprender conceitos de espaço, de luz e tentamos dominar pelo conhecimento aquilo que vemos. A imagem é essa sensação que nos permite principalmente referenciar-nos no mundo, o *cogito ergo sum* (penso, logo existo) de Renée Descartes talvez fosse melhor se substituído pelo vejo logo existo. E o belo parece vir como uma negação do racional pelo sensível. Sobre isso ainda acrescenta Dufrenne: (*op. cit.*: p. 39)

"O belo é esse valor que é experimentado nas coisas, bastando que apareça na gratuidade exuberante das imagens, quando a percepção cessa de ser uma resposta prática ou quando a práxis cessa de ser utilitária."

Mas isso posto, não devemos cair no equívoco de Sartre e considerar a imagem como coisa em si, como explica Marilena Chauí: (1992: p.114) "O imaginário não é, como supusera Sartre, a presença plenamente observável, porque imagem é pura construção subjetiva, herdeira da sensação e da memória"

O gosto

Há ainda a questão do gosto na apreciação estética. Mas que entidade tão subjetiva é essa? O gosto parece ser algo que é vinculado e formado por uma confluência de inúmeros fatores. Certamente os gostos variam com o tempo, há uma dinâmica histórica nessa questão. O *zeitgeist* (espírito de época) certamente é crucial para essas definições. Algo que foi belo no século passado é perfeitamente passível de ser considerado uma excrescência na atualidade. Assim como algo que é considerado um primor artístico em um lugar pode ser considerado uma farsa em outro. No caso entra em questão também o conceito de *genius loci* (o espírito de lugar) Explicando melhor o conceito cito Norberg-Schulz (1971: p.27)

Desde tempos remotos o homem tem reconhecido que lugares diferentes têm um caráter próprio diferente. Essa característica freqüentemente é tão forte que, de fato, determina as propriedades básicas da imagem ambiental da maioria das pessoas presentes, fazendo-as sentir que eles experimentaram e pertencem ao mesmo lugar.

[...] Isso prova-se verdadeiro para cidades como Roma, Istambul, Paris, Praga, Moscou. Na verdade, a verdadeira “notável” cidade é caracterizada por um particularmente forte *genius loci*.

No idealismo platônico há a busca da essência, da idéia do belo, das formas perfeitas, inatingíveis no mundo sensível. Sobre a idéia clássica do belo podemos recordar do conceito de Platão em que ele afirma que, realmente saber e sabedoria exigem que o homem se liberte do mundo sensível e deixe de viver no nível do percebido para ter acesso às idéias, donde ele retornará ao mundo sensível no qual decide o destino de seus companheiros.

O belo também proporciona momentos de transcendência e epifania e deleite para o observador sensibilizado. A condição humana é deixada de lado e até o auto-conhecimento pode ser estimulado por tal experiência. A compreensão de si e do sentido existencial humano podem ser estimulados por tal experiência, como atesta Dufrenne (1981: p.45)

O objeto estético resume e exprime numa qualidade afetiva inexprimível a totalidade sintética do mundo: ele me faz compreender o mundo ao compreende-lo em si mesmo. E é através de sua mediação que eu o reconheço antes de conhecê-lo e que eu nele me reencontro antes de me ter encontrado.

Há muitos posicionamentos a respeito dos conceitos do belo e sua relação com a práxis e a lógica. Uns tentam negar. O belo exacerbaria qualquer possibilidade de racionalização. Ele estaria em um nível unicamente sensível e subjetivo, ligado ao deleite e a correção ao sentido particular de belo de cada. Há ainda quem não queira dissociar o sentido de linguagem e significação do objeto estético.

Pois não é possível que o sensível não seja significante; não lhe basta ser soberanamente exaltado e ordenado, é necessário que ele assuma sua função de linguagem e que, nele, o *splendor ordinis* provenha de um sentido.

Estética e arquitetura

Quando o objeto estético torna-se um edifício, um pormenor arquitetônico, quando o âmbito do estudo do belo restringe seu campo à arquitetura, certas considerações específicas devem ser observadas. Ao tecermos considerações sobre o belo em arquitetura esbarraremos sempre no paradigma forma *versus* função. A relação beleza e funcionalidade. A peculiaridade do objeto estético arquitetônico reside no fato de ele transcender o conceito de artefato de mera apreciação, visualização e potencial deleite, evaziando-se aí seu sentido de ser. Isso não é o traço característico da arquitetura. O objeto artístico-arquitetônico é algo que tem uma carga utilitária irreversível. Nele nós vivemos, trabalhamos, dormimos, circulamos, fazemos compras divertimo-nos e até morremos. É das artes aquela que carrega o forte peso, a discussão e polêmica histórica da função. E qual a prevalência? Qual deve ter a maior relevância? Forma ou função? Louis Sullivan está certo quando diz que a forma segue a função? Sobre essa problemática afirma Scherik (In Heyer, 1966: citado em Scruton, 1979: p.33)

A beleza é uma coisa consequente, um produto da resolução correta de problemas. É irreal como um fim. A preocupação com a estética leva a um projeto arbitrário, a edifícios que tomam uma certa forma, porque o projetista gosta do aspecto que tem. Nenhuma arquitetura bem sucedida pode ser formulada num sistema generalizado de estética.

Outro importante traço distintivo da arquitetura é seu caráter público. Se queremos ver um quadro ou escultura vamos a um museu ou a uma galeria de arte. Se queremos ouvir uma música vamos a um concerto, compramos um disco, ouvimo-lo. E podemos sempre escolher se queremos ver ou não determinada obra. Já a arquitetura impõe-se nas ruas. É a mais pública das artes. Sobre o fato atesta Scruton: (1979: p. 22)

Um traço distintivo mais importante da arquitetura é dado pelo caráter de objeto público. Uma obra de arquitetura impõe-se, aconteça o que acontecer, e suprime de cada membro do público a livre escolha de saber se deve observá-la ou ignorá-la.

Ainda sobre esse aspecto singular da arquitetura, lembremos também que até nos casos de uma arquitetura mais privativa. A maioria dos seus usuários são alienados do processo conceptivo e dos objetivos intrínsecos da obra; com a exceção da casa do arquiteto. “A arquitetura, como salientou Ruskin, (In *op. cit.*, 1979: p. 24) é a mais política das artes, por impor uma visão do homem e dos seus objetivos, independentemente de qualquer acordo pessoal por parte dos que vivem com ela.

Deve-se salientar aqui que não se pretende validar e muito menos fazer qualquer apologia ao funcionalismo racionalista. Como já mencionado nesse texto (Braga, 2002: p.18) o belo tem sua própria função, altamente relevante e inegável na existência humana.

O equívoco funcionalista reside na negligência à questão da busca do valor, que está intimamente relacionado com a chamada *Eudaimonia*, a felicidade dos gregos. O racionalista prima pela “arquitetura das necessidades humanas”, como diz Scruton (*op. cit.*: p. 35) “Há um processo de redução das necessidades humanas às necessidades meramente animais, ar puro, saúde, exercício, corrida, “campos de futebol”(...)

Nas outras artes podemos realizar um processo estruturalista e decompor sua totalidade; no intuito de realizar uma leitura crítica. Podemos encontrar uma essência relativamente clara em uma pintura, por exemplo. Suas matizes, a perspectiva, o princípio compositivo. O aspecto táctil e a dinâmica de uma escultura; outro exemplo. São coisas perfeitamente apreensíveis, têm uma essência perfeitamente observável. O mesmo processo torna-se bem mais complexo ao tratarmos da arquitetura.

Mesmo havendo a possibilidade dessa decomposição no objeto arquitetônico; a identificação da essência é tarefa árdua. A qualidade mais relevante para sua apreensão como objeto estético e coisa em si, jamais será matéria de concordância entre todos: críticos, filósofos, leigos, quem quer que seja.

Uma essência da arquitetura já é assunto de controvérsias entre críticos, historiadores, pensadores e “escolas” de arquitetura. Os modernos primam pelo aspecto funcional. Há os

O gosto em arquitetura

Às vezes afirmamos que gostamos disso e daquilo e que não gostamos disso. De onde tiramos esses nossos juízos, afinal? A questão do gosto também é outro assunto passível de ampla discussão filosófica. A máxima latina de *Gustibus non est disputandum* (gostos não se discutem) é absolutamente inválida. Gostos discutem-se sim. E como! É bem pertinente sim discuti-lo. Negligenciar essa discussão faz-se, como diz Scruton (*op. cit.*:p. 107) “pensando deste modo pôr fim a uma discussão e ao mesmo tempo assegurar a validade possível às próprias idiossincrasias”

Uma expressão de gosto arquitetônico, ou qualquer gosto ao qual podemos nos referir, reflete, nosso pensamento e educação. Expressa nossas convicções mais profundas. Expressa sentimentos morais, religiosos, políticos e, evidentemente, símbolos de status de classe.

No gosto há ainda a questão da preferência. Por que razões, por exemplo, preferimos um edifício a outro. São certamente através de critérios pessoais e uma intelecção e percepção próprias que nos leva a uma específica preferência. A preferência vem de um evidente maior prazer estético proporcionado por um “objeto”. Sabemos que o prazer estético é influenciado por processos de raciocínio, contudo as relações entre razão e prazer estético não são primordiais nem essenciais. Platão, por exemplo, considerava o prazer estético como sendo um tipo intermediário entre o sensual e o intelectual, e a procura de beleza como um modo de ascensão dos domínios mais baixos do espírito para os mais altos.

Ora podemos ver a aquisição do gosto da seguinte forma, como edificado por sucessivas camadas de escolha sensitiva e intelectual. Certas formas atraem-nos – escolhemos-as de preferência a outras – e este fenômeno é primitivo no sentido em que não há inicialmente uma razão para o fazermos, embora, como vimos, a experiência que determina a nossa preferência, como a própria preferência, seja como experiência a que se podem aduzir, significativamente, razões. Começamos por procurar essas razões e, enquanto o fizermos, daremos um **significado às nossas formas escolhidas.**

Compreende-se então uma característica essencial nos critérios de gosto de qualquer indivíduo: a inteligibilidade das formas. Os objetos precisam ter uma carga expressiva, um significado para serem devidamente apreciados. Concluímos disso que em termos arquiteturais precisamos de uma referência simbólica palpável, de um significado evidente. Como o gosto pressupõe a exclusão, excluímos as possibilidades de aceitação de formas dissociadas de nossa realidade. Uma expressão arquitetônica pseudo-vanguardista dissociada de qualquer arcabouço imagético local/ autóctone, invalida-se; simplesmente por uma questão de bom senso estético; de acordo com as premissas de inteligibilidade formal previamente citadas. Há de se fazer obras que sejam publicamente inteligíveis, não só pelo acadêmico e profissional perito, mas como pelo transeunte leigo, não instruído.



Fig. 2 – Posto de Estiva; São Luís – MA. Arquiteto José Luís Filgueiras (Lélê)

Estética aplicada

Posicionamentos

Apreender a totalidade de um edifício pressupõe uma observação de interesse estético na plenitude mesma do objeto observado. Ao examinarmos um prédio buscamos significados implícitos, expressividade, relações entre o edifício e o ambiente, referências entre eles e outros prédios. Partimos, geralmente do todo, de seu significado visual mais abrangente, para, em seguida partirmos para as especificidades, para os pormenores. Ao fazermos nosso juízo de valor estético o que necessitamos e esperamos? O belo, as formas belas e aprazíveis, aquelas que realmente inspirem o prazer estético. E, como já foi explicado anteriormente, não apenas por uma questão de frivolidade e necessidades superficiais do “esteta” que há em todos nós. É simplesmente uma questão existencial humana. Precisamos do belo mesmo para referenciar-mo-nos como ser-no-mundo. A beleza é essencial, já dizia Vinícius.

Da observação e apreciação das obras arquitetônicas se detém e encontra seu significado final e sua validação nos detalhes. Em última instância o pormenor dá a palavra final sobre a qualidade estética de um edifício. Os detalhes de um projeto são mesmo, muitas vezes, a assinatura e marca de qualidade de muitos arquitetos. Como inclusive nos ensinou Mies Van der Rohe: “É no detalhe que se encontra a face mais divina de Deus”. E ele ainda nos dá exemplo de maestria nos detalhes; como nos cantos de seus arranha-céus. Podemos ainda citar brevemente, a arquitetura alva e geometrizante com os detalhes dos guarda corpos navais de Richard Meyer. A excelente arquitetura de Lelé com o detalhe (por exemplo, dentre muitos outros) de seus *sheds* como ondas. Arquiteto reconhecido publicamente como um

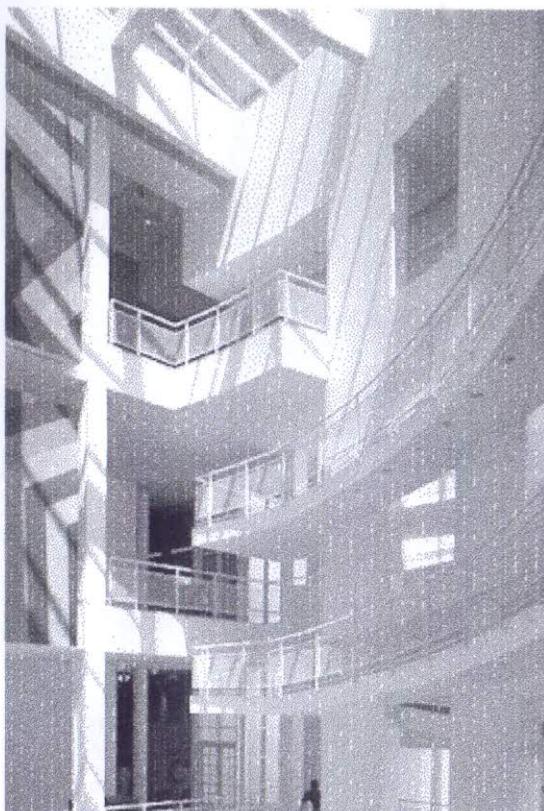


Fig. 3 High Museum – Atlanta –GA Arqto.
Richard Meyer

mestre na harmonia entre forma e função.¹ Corroborando ainda para a noção do detalhe como elemento crucial na busca do belo acrescenta Scruton (*op. cit.*: p.211)

Há ainda outra razão para dar ênfase ao pormenor na arquitetura, uma razão que é tão importante praticamente, como é evasiva filosoficamente. É que o pormenor pode ser a única coisa que um arquiteto pode impor. A projeção horizontal e a elevação de um edifício são geralmente afetadas (se não ditadas) por fatores fora do controle do arquiteto – pela forma de um local ou pelas necessidades de um cliente – enquanto os pormenores continuam dentro da sua jurisdição. É através do estudo do pormenor que o arquiteto pode aprender e conferir graça e humanidade ao mais insólito, difícil ou desordenado conglomerado

E dentro dessa jurisdição obscura e subjetiva é que podemos encontrar o talento, o belo, ou as excrescências, os hiatos, as discrepâncias e o abortivo.

¹ Ver matéria na revista Veja, ano 35, número 4, 20 de janeiro de 2002 – *Doutor da alegria – Coloridos e elegantes, o melhor dos hospitais da Rede Sarah é que não parecem hospitais*



Fig. 4 Edifício Seagram – Arqto. Mies Van der Rohe

Forma X Função

A discussão sobre o belo, sobre estética e arquitetura não deve deixar de lado a já clássica e polêmica arquitetônica forma versus função. É algo inegavelmente intrínseco ao tema, indissociável mesmo. O que seria prioritário? Haveria o aspecto prioritário? Podemos assumir posturas racionalistas extremas? Função acima de qualquer critério estetizante. Não. Já foi demonstrada a importância do belo para a própria existência do homem.

Na verdade não há como validar em absoluto qualquer posicionamento arquitetônico, como nos ensina o mestre, Niemeyer:¹ "... não existe uma arquitetura única, ideal, mas várias, diferentes, todas visando à beleza e ao objetivo principal de servirem ao homem." Note-se novamente a ênfase à beleza.

As discussões sobre forma e função em arquitetura algumas vezes até extravasam os círculos estritamente acadêmicos e profissionais. Em matéria na revista *Época* a discussão chega até o grande público. Questiona-se da validade de formalismos arbitrários em certos projetos. A matéria trata especificamente da construção do Hotel Unique em São Paulo, projeto do arquiteto Ruy Ohtake. O questionamento colocado pela revista é se deve a forma sobrepor-se ao conteúdo? O arquiteto Joaquim Guedes, ex professor da FAU-USP afirma que projetos

¹ Folha de São Paulo, 30/01/2000

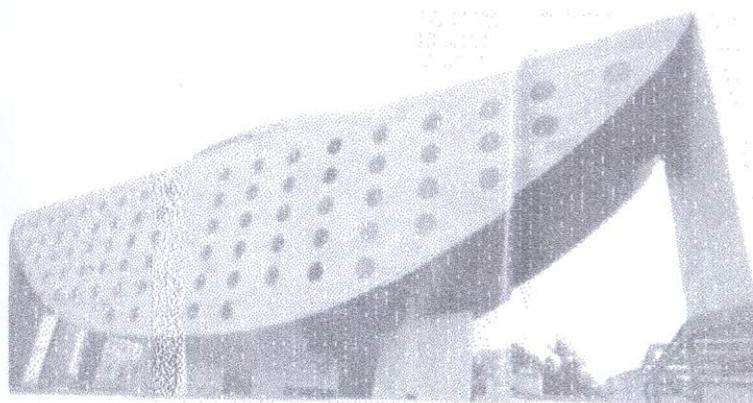


Fig. 5 Hotel Unique – arqto. Ruy Ohtake

assim nascem da pressão exercida pela sociedade, sempre em busca do novo, do extravagante. Expressão mesmo econômica-antropológica do brasileiro, designado por Jorge Wilheim como o *homo ludens*: um ser propenso a aceitar as novidades com a curiosidade e ansiedade infantil de quem vê um brinquedo. Guedes diz à revista: “a preocupação com o Status e a moda acaba resultando nessas soluções que mais parecem obras cenográficas” e continua: “Qualquer arquitetura feita apenas com base na forma é lixo”¹. O presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, Haroldo Pinheiro enxerga uma expansão do “fenômeno Las Vegas”, fachadas de fantasia tal e qual as da Meca mundial dos cassinos.

A revista aponta ainda o exemplo de Bilbao na Espanha, que com a construção de seu Museu Guggenheim, foi inclusa no circuito internacional de turismo e cultura.



Fig. 6 Museu Guggenheim – Bilbao – Espanha;
arqto. Frank Gehry

¹ *Esquisito é pouco – Hotel em São Paulo reacende a discussão entre arquitetos: Deve a forma sobrepor-se ao conteúdo?* Revista Época, ano IV, número 191, 14 de Janeiro de 2002)

Arquitetura e a estética da globalização

O que realmente acontece na atualidade é que a arquitetura é cada vez mais tratada como produto e não como expressão de uma sociedade, de uma cultura e de uma época. De um *genius loci*, ou de um *Zeitgeist*. O processo de globalização é que dita as tendências. Esse processo tem como força motriz, uma nova expressão da força do capital. Esse motor é o capital internacionalizado. Um capital que não tem pátria; que excedeu e transcendeu mesmo os interesses nacionais. Ele só quer mesmo o que sempre quis: gerar mais capital. A burguesia, movida por interesses comerciais que extravazam fronteiras hoje mais do que nunca, está internacionalizada. Encontra-se totalmente divorciada de condicionantes e interesses financeiros locais.. O que o “produto” edifício representa hoje é um interesse supranacional alienado de nossa própria realidade. O que há nas entrelinhas da “miamização” que vemos em muitas arquiteturas por aí afora, é a imposição do gosto alienado e influenciado por formas pré-fabricadas tomadas do “museu imaginário” imposto pela cultura de massa, prioritariamente norte-americana.

As imagens produzidas por tal arquitetura são fracas, efêmeras e dissonantes; causam inevitável desconforto. Seus resultados são espaços que caracterizam o que chamamos de *atofias*, os não lugares. Ambientes assépticos divorciados de quaisquer referências locais. Edifícios que não têm identidade e podem ser exatamente os mesmos em Cingapura e em Nova Iorque. A síntese desses espaços pós-modernos é o shopping center, templo do consumismo e capitalismo mundial contemporâneo; o espaço descontextualizado, climatizado artificialmente e voltado para si mesmo: a impessoal arquitetura pelo lucro, tecnicamente concebida para provocar o impulso do consumo induzido

A arquitetura produzida atualmente, em sua esmagadora maioria é fruto desse processo incrivelmente veloz e irracional de trocas e circulação vertiginosa de informações. O que vemos é o pastiche, os simulacros de um passado que nunca existiu em determinados locais. **Um sentimento esquizofrênico nostálgico do que nunca houve em determinados locais. (...) É uma situação caótica, que beira o nonsense. É o estágio quase final da anomia.** Sobre essa transformação para pior podemos citar (Guerra, 1995, citado em Dizioli *et al.* p. 7)

A pressa, a ausência crítica, o marketing vazio, o desapego às realidades locais, a desatenção para com as necessidades imediatas: estas são as objeções que poderíamos levar para a publicidade em geral, para a televisão ou mesmo para a atuação política, mas não seria sincero eximir a discussão arquitetônica dos mesmos males.¹

E como então nadar contra a corrente da fugacidade do consumismo , do individualismo céltico crescente? O espaço urbano globalizado periférico é um espaço que se nega. Um espaço em extinção. O espaço público real, concreto, experimenta uma desqualificação permanente, face à desvalorização do convívio e à proliferação do contato virtual. Os ambientes construídos tornam-se cada vez mais cerrados, verdadeiros *bunkers* da privacidade estimulada pela gregária virtualidade dos bate-papos informatizados segregacionistas. O que vemos em nossas cidades é a proliferação dos condomínios-prisão e das periferias hipertrofiadas. É “melhor” a atitude pseudo-gregária dos bate-papos do que o encontro táctil, visual e real dos espaços públicos “ameaçadores” na cidade guetificada.

¹ Trecho extraído da revista Óculum número 9, Da Imaterialidade dos simulacros.

A arquitetura pública sucumbe ao decorativismo e modismo das praças de alimentação; ambiente máximo de socialização da juventude das classes dominantes.

Vivemos em uma época de arquiteturas auto-referentes. Percebemos a proliferação de meras representações burocráticas do poder do capital. Não há o questionamento. A crise das ideologias gerou uma juventude apática, que caminha cética e acrítica com um semblante sombrio, o *slackter*.

Como meros receptores passivos o que esperar de arquiteturas que parecem saídas das pranchetas de *slackters* informatizados à serviço do capitalismo e das tendências de uma moda sazonal? Só podemos mesmo ver a proliferação de info-grafismos artesanais mecânicos. Os “*copy-paste*” de tipos e detalhes de revistas internacionais.

O que aconteceu com a máxima latina *Ars Longa Vita Brevis?* (A arte é longa, a vida é breve) Ninguém quer mais transcender o momento? Ninguém aspira mais ao ideal utópico da perenidade? Queremos apenas ser reconhecidos no próximo salão, exposição como os que ditam as “tendências” da *saison*?

Seria perfeitamente cabível frente à realidade que observamos, realizar uma releitura “arquitetônica” do livro VII da República de Platão. Mergulhemos junto com Platão em sua caverna. A observação da realidade não nos faz sentir como os prisioneiros no fundo da caverna? Certamente que sim. Sentimo-nos, a exemplo dos outros prisioneiros, com o pescoço, os pés e as mãos atados desde a infância, vítimas que somos das aparências que

desfilam na parede do fundo e incapazes de alterar o curso dos acontecimentos. Ao apercebermo-nos da ilusão das sombras estéreis da pós-modernidade e dos signos efêmeros da era da informatização, sentimo-nos um pouco como aquele que os deuses libertam de seus grilhões. Saímos para o mundo da “verdadeira”, da “boa” e da “bela” arquitetura. Sofreremos como ele com a intensidade da luz do dia, pois *“é o verdadeiro sol que ele pode contemplar, em seu lugar verdadeiro, e não as vãs imagens refletidas no fundo da caverna”*¹.

Não estaremos mesmo, nós, arquitetos, presos aos nossos próprios grilhões hoje em dia? Não estamos passivos, apáticos, ruminantes diante do desfile de sombras na parede do fundo da caverna, fascinados com as imagens que os manipuladores, os operadores de “fantoches” nos mostram. E quem seriam os operadores de fantoches da contemporaneidade? Os mercadores de imagens, os agentes da esfera publicitária, os artífices de nosso *establishment* imagético. E se fizermos como o prisioneiro que se libertou dos grilhões e mostrarmos para nossos companheiros de caverna a ilusão e a mentira das imagens refletidas, das sombras que são apenas espectros da realidade? Se fizermos todos enxergarem a ignorância e o entorpecimento paralisante em que vivem? Platão sugere que os prisioneiros jamais entenderiam que possa realmente existir algo além das sombras. Estariam até satisfeitos com a inanição de seus grilhões. Estamos satisfeitos mesmo com a promiscuidade formal, com a falta de significado, falta de profundidade e com a comodidade de nossos grilhões, de nossas formas divorciadas da realidade.

¹ Platão, República, livro 7 [516b]

O que fariam com o “arquiteto liberto” que os contasse, tentasse esclarecer os “prisioneiros”, sobre o mundo fora da caverna? *Porventura o matarão?* Pergunta Platão. Será que o mundo mudou muito desde a antiguidade clássica? Na república, aquele que vislumbrou o “verdadeiro sol” e tenta ensinar seus companheiros é tido como louco e matam-no.

O processo de globalização é irreversível. Deveria ser uma via de mão dupla, recepção e emissão de influências e informações. Nossa situação é de recepção exacerbada e irrefletida. Isso resulta em um processo gradual de crescente dependência cultural, somando-se à dependência econômica. O que esperar desse modelo de globalização vigente? As consequências já observadas, a fetichização das mercadorias, o crescimento da exclusão social e dos hiatos em nossa sociedade, perda da identidade e um futuro distópico.

Posicionamentos finais sobre uma estética contemporânea

As discussões nesse sentido são inesgotáveis e bastante pertinentes. O que é preciso é ter uma opinião e ser coerente com a mesma. Ainda podemos, de acordo com o tema, assumir posicionamentos filosóficos sobre a questão da forma versus função. Podemos fazer uma tentativa, uma nova proposição de como definir a boa e bela arquitetura a partir de conceitos aristotélicos de virtude; as boas disposições, do grego, *areté*. (Os latinos traduziam por *virtus* – excelência) No antagonismo/embate e na própria interpenetração entre forma e função poderíamos trabalhar com o conceito dos meio-termos de Aristóteles. De acordo com o

filósofo: “toda virtude é um ápice, entre dois vícios, uma cumeada entre dois abismos: assim a coragem entre a covardia e a temeridade, a dignidade, entre a complacência e egoísmo, ou a doçura, entre a cólera e a apatia” (Comte-Sponville, 1998: p.11) Partindo desse raciocínio filosófico podemos afirmar que a “excelência”, a virtude na arquitetura, situa-se no equilíbrio, no exato meio caminho entre os dois vícios totalitários da pura forma e da pura função.

3

consultoriafilosófica



Fig. 7 Negação do estereótipo do filósofo-pensador, introspecto, individualista e “distante” da realidade.

Cafés e consultórios filosóficos

Novas formas de vivenciar a filosofia

O aconselhamento filosófico é um campo da filosofia relativamente novo, mas em rápida ascensão. O movimento da prática filosófica originou-se na Europa na década de 80, começando com Gerd Achenbach na Alemanha, e passou a crescer na América do Norte na década de 90. Quando Sócrates passava seus dias debatendo questões importantes no mercado, e quando Lao Tsé registrava sua opinião sobre como seguir o caminho para o sucesso evitando danos, eles pretendiam que suas idéias fossem utilizadas. Filosofia foi, originalmente, um modo de vida, não uma disciplina acadêmica – algo para ser não apenas estudado, mas também aplicado. Somente por volta do século passado, a filosofia foi confinada numa ala esotérica da torre de marfim, repleta de *insights* teóricos, mas vazia de aplicação prática.

Os debates filosóficos nos cafés são um fenômeno à parte, não são como o aconselhamento filosófico individual ou coletivo, não é como a prática filosófica em consultório; mas também difere de uma aula, exposição ou seminário com viés acadêmico. Não é um círculo de iniciados nem uma terapia de grupo; mas certamente precisa do filósofo profissional mediador para que não recaia nessas opções de debate supracitadas. Todos os temas podem ser tratados nesses debates. Tudo pode ser passível de ser tratado de uma maneira filosófica. “*A filosofia não depende de seus assuntos. Não é matéria a ser ensinada nem um campo a cultivar é um estado de espírito, um modo de se servir do próprio intelecto.*” (Sautet, 1997: p. 35)

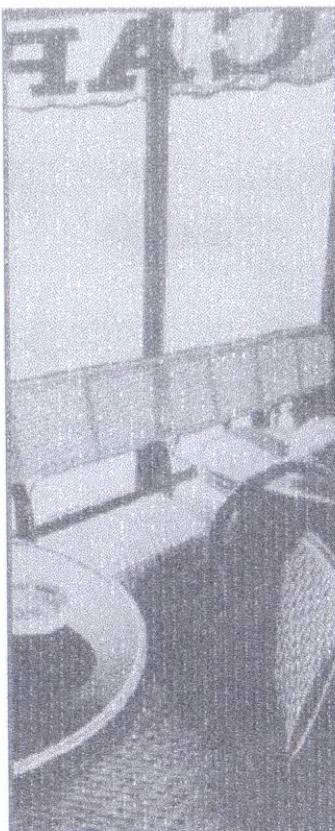


Fig. 8 Café des Phares, praça da Bastilha – Paris.
Café Philos onde Marc Sautet realizava seus debates

A filosofia no café é validada pela sua própria prática peculiar. Um lugar onde virtualmente todos podem ter o uso da palavra. Onde se restaura a prática da isegoria, o uso público da palavra na Agora, agora uso público da mesma no café. Um exercício de falar e ouvir.

Os práticos filosóficos trabalham como mediadores de grupos e como consultores para organizações. A mediação de um grupo pode ser formal ou informal. Grupos informais encontram-se regularmente em cafés, que chamamos de “cafés filosóficos”, ou ainda os “*Cafés Philos*”, para discussões públicas, como já mencionado. Grupos formais participam de um processo chamado Diálogo Socrático, que tem o objetivo de responder a questões específicas. Quanto à consultoria, além da consulta individual e coletiva, há ainda a alternativa de consultoria filosófica em empresas. Com isso o filósofo se tornará um acessório indispensável das organizações do século XXI.



Fig. 9 Marc Sautet (1947 – 1998)
Doutor em filosofia. Inaugurou
em 1992 o primeiro consultório
filosófico de Paris

Consultoria filosófica

O que é?

Todos nós, em alguns ou em muitos momentos da vida, nos deparamos com questões e inquietações de ordem filosófica, que são bem diferentes de nossas usuais inquietações: o que estamos fazendo na Terra, de onde viemos, para onde vamos, se existe outra vida, se a alma morre ou sobrevive ao corpo, se o Universo teve um começo ou terá um fim, se a história dos homens tem sentido, se a espécie humana deve dominar as outras, se a justiça pode imperar entre os homens, se o mal pode ser abolido, se é preciso nos curvamos diante da força, se o dinheiro deve reinar o mundo, se é melhor ser vítima do que carrasco, se mais vale ser sensato do que louco. Questões como estas põem em jogo a pertinência de nossas convicções, o sentido de nossos atos, a justeza de nossas relações com os outros, ou seja, nossa vida inteira, e, por um lado, as respostas delas ao contrário das de outras disciplinas, não são passíveis de um consenso, a tal ponto escapam do âmbito da experiência, isto é, do observável e do verificável.

A prática da consulta filosófica não deixa de levantar algumas polêmicas. Onde está o limite de atuação de um filósofo? Onde começa e termina a psicoterapia? Como definir e perceber a linha limítrofe dessas duas abordagens distintas? Como saber qual a melhor alternativa para

um cliente em potencial? Quando uma pessoa angustiada e inquieta à procura de ajuda profissional deve procurar um filósofo?

No que diz respeito ao afloramento das questões filosóficas nos diz Sautet: (*op. cit.*: p. 67)

Uma morte, um acidente, um rompimento, a perda de um emprego, a atualidade, seus horrores e escândalos, as ameaças que pairam sobre o planeta: muitos golpes duros e pessoais e muitas loucuras coletivas fazem ressurgir aos poucos essas interrogações ocultas pelo curso da vida cotidiana. Não raro saímos em busca de um psicoterapeuta, às vezes consultamos um vidente ou então encontramos um guru. Se nos interrogamos sobre o que acontece, é porque o sentido conferido até então já não serve ou se tornou suspeito. Talvez haja um conceito ou doutrina em questão: mas é preciso identificá-los e submetê-los ao exame que se impõe.

Ainda sobre a problemática da consulta filosófica Sautet define: (*op. cit.*: p. 80)

O consultório de filosofia é um local onde nos interrogamos sobre a validade do sentido que damos ao palco da vida e ao papel que desempenhamos nele. Fazemos as referências surgirem quando estão apenas latentes e as analisamos quando são explícitas. Um conceito, uma doutrina, um texto, uma obra ou um autor vem então facilitar o caminho da conversa.

Uma sessão de aconselhamento filosófico envolve mais do que apenas combinar problemas com fragmentos racionais da literatura filosófica , mas um simples aforismo às vezes é capaz

Consultórios filosóficos no Brasil e no Ceará¹

A filosofia clínica, como denomina-a, a filósofa Ian Gomes em matéria de O povo, começa no Brasil com o filósofo gaúcho Lúcio Packer. Segundo, como já mencionado no texto anterior, a tendência dessa prática inaugurada por Achenbach na Alemanha e Sautet na França. O filósofo gaúcho implantou então em 1994 o Instituto Packer, a primeira instituição nacional direcionada à pesquisa, à clínica e à formação de filósofos.

O questionamento que foi colocado anteriormente a respeito das linhas limitrofes de atuação desse “novo” * profissional é repetido aqui. Sua relação com as práticas consolidadas, institucionalizadas, estabelecidas, regulamentadas e legalizadas da psicoterapia e da análise psicanalítica: “A prática da consulta filosófica não deixa de levantar algumas polêmicas. Onde está o limite de atuação de um filósofo? Onde começa e termina a psicoterapia? Como definir e perceber a linha limítrofe dessas duas abordagens distintas? Como saber qual a melhor alternativa para um cliente em potencial? Quando uma pessoa angustiada e inquieta à procura de ajuda profissional deve procurar um filósofo?” A respeito do assunto nos diz Gomes:

A filosofia clínica é o conhecimento da filosofia acadêmica (teoria) direcionada à terapia (prática), centrada no sujeito como um todo e no meio onde ele está inserido.

¹ Baseado, em artigo de Jornal O Povo, caderno sábado, 4 de agosto de 01; “No consultório com um filósofo?” Gomes, Ian, Filósofa Catarinense provém dessa fonte.

Consultórios filosóficos no Brasil e no Ceará¹

A filosofia clínica, como denomina-a, a filósofa Ian Gomes em matéria de *O povo*, começa no Brasil com o filósofo gaúcho Lúcio Packter. Segundo, como já mencionado no texto anterior, a tendência dessa prática inaugurada por Achenbach na Alemanha e Sautet na França. O filósofo gaúcho implanta então em 1994 o Instituto Packter, a primeira instituição nacional direcionada à pesquisa, à clínica e à formação de filósofos.

O questionamento que foi colocado anteriormente a respeito das linhas limítrofes de atuação desse “novo” * profissional é repetido aqui. Sua relação com as práticas consolidadas, institucionalizadas, estabelecidas, regulamentadas e legalizadas da psicoterapia e da análise psicanalítica: *“A prática da consulta filosófica não deixa de levantar algumas polêmicas. Onde está o limite de atuação de um filósofo? Onde começa e termina a psicoterapia? Como definir e perceber a linha limítrofe dessas duas abordagens distintas? Como saber qual a melhor alternativa para um cliente em potencial? Quando uma pessoa angustiada e inquieta à procura de ajuda profissional deve procurar um filósofo?”* A respeito do assunto nos diz Gomes:

A filosofia clínica é o conhecimento da filosofia acadêmica (teoria) direcionada à terapia (prática), centrada no sujeito como um todo e no meio onde ele está inserido.

¹ Baseado em artigo de Jornal *O Povo*, caderno sábado, 4 de agosto de 01; “No consultório com um filósofo?” Gomes, Ian, Filósofa. Citações provém dessa fonte.

Na filosofia clínica cada um é respeitado na sua singularidade, ou seja, cada um tem a sua representação de mundo. Cada pessoa mensura e sente à sua maneira. Na filosofia clínica não há um mestre e um aluno, não há conhecimento metafísico e nem fórmulas mágicas. Não somos videntes. Não temos bola de cristal. Temos o conhecimento da filosofia, com base em Sócrates, Platão, Schopenhauer, Descartes, entre outros.

No Brasil já há mais de quinhentos filósofos clinicando. O Ceará está na quarta turma em formação. A Universidade Estadual do Ceará está formando clínicos-filósofos. A Universidade Federal do Ceará está com um curso recém-instalado de filosofia. A realidade premente e inelutável da prática filosófica extra-muros acadêmicos é palpável e inelutável. A UFC com seu novo curso de filosofia, certamente estará formando clínicos muito em breve. A problemática dos limites de atuação desses profissionais, suas nuances e sutilezas, suas vantagens, e sua diferença em relação à outros caminhos terapêuticos é complexa e passível de longa e, quem sabe(?), acalouradas discussões. Propõe-se nesse trabalho erigir-se uma estrutura em que essas atividades possam ter um lócus especialmente projetado para sua realização. Embora o caráter de diálogo questionador e instigador dessa prática pregue que o atendimento "*pode ser feito em diversos locais: consultórios, parques, bares, praias*"

O projeto, sua proposta como um todo é fortuito e pertinente. Sua base conceitual como um local de ensino de filosofia, produção e disseminação de conhecimento sob a premissa do Jardim de Epicuro. (vide texto que consta no documento do Trabalho Final de Graduação) O amor filial, a celebração da amizade é também corroborada por Gomes:

Podemos concluir dizendo que o filósofo clínico é um amigo. Amigo disposto a ouvir e dialogar. É aquele que ajuda a desatar os “nós” que podem ser um obstáculo à vida. Esses nós podem ser traduzidos como: angústia, depressão, tristeza, fobias, conflitos familiares, perdas, buscas, etc. Aristóteles costumava dizer que a amizade é superior à justiça: “quando há amigos não há nenhuma necessidade de justiça, ao passo que mesmo sendo justas as pessoas tem necessidade da amizade”. Pode parecer, que o filósofo clínico esteja conquistando espaço por vender a imagem do salvador da pátria, do solucionador de todos os problemas, verdadeiramente não há essa pretensa. Nos ensina Lúcio Packter que a “filosofia clínica não é toda resposta, é uma das respostas”. E lembremos a sabedoria de Martin Buber: “Não tenho ensinamentos a transmitir... Tomo aquele que me ouve pela mão e o levo até a janela. Abro-a e aponto para fora. Não tenho ensinamento algum, mas conduzo um diálogo”. Gostaria de tentar?

A problemática da consultoria filosófica e as práticas terapêuticas tradicionais¹

Para corroborar o fato da contemporaneidade e pertinência do tema desse trabalho, a revista Veja trata do problema da terapia filosófica em agosto de 2001.

Como já mencionado, é necessário para uma validação concreta da proposta, que sejam esclarecidas certas nuances delicadas no que concerne à legitimidade, limitação e diferença da abordagem filosófica das demais abordagens terapêuticas.

A filosofia e a ciência já foram um único ofício. Desde muito tempo. Há mais de dois mil anos os pré-socráticos especulavam sobre o universo e sobre a natureza dos elementos. Demócrito falava-nos dos “tijolos da vida”, unidade primordial, indivisível da matéria, o átomo. Pensadores discutiam e discordavam entre si sobre a prevalência e o nível de importância e evolução dos elementos da natureza. Aristóteles estudava astronomia e zoologia. Newton pode ser perfeitamente chamado de filósofo naturalista, assim como Charles Darwin. A filosofia está no cerne mesmo de todas as ramificações da ciência moderna. Isso não seria diferente com a psicologia. Esta foi uma disciplina estreitamente ligada à filosofia até o século XX.

¹ Baseado em artigo publicado na revista Veja, 29 de agosto de 2001; “Um papo sobre”, Formados em filosofia se estabelecem como terapeutas e provocam a ira dos analistas; e em bibliografia referida sobre o assunto.

A psicologia só se manifestou como campo de estudo independente em 1879, quando Wilhelm Wundt inaugurou o primeiro laboratório de psicologia. Antes disso, o tipo de observação e percepção que associamos com a psicologia era território dos filósofos. A ruptura total ocorreu com o advento da psicologia comportamental. Os behavioristas reduziram basicamente o comportamento humano em um sistema de estímulos e respostas. É adotada aqui o sistema de efeito-causa. O terapeuta procura a causa determinante de certo estado (depressão, ansiedade...) É conceito do *post hoc ergo propter hoc*. Significa que como um evento aconteceu antes do outro, o primeiro causou o segundo. É evidente que nem sempre isso é verdade.

O problema da psiquiatria e da psicologia é o crescimento cada vez maior da noção Freudiana que as neuroses e psicoses do ser humano têm sua origem em problemas físicos; suas causas seriam encontradas no cérebro mesmo. Essa noção exacerbada é que leva a proliferação de novos medicamentos psiquiátricos. E também a tendência a tratar qualquer comportamento considerado atípico como um problema a ser sanado. Mau-humor, simples cacoetes, “hiperatividade”, podem e são caracterizados como psicopatologias.

A psiquiatria norte-americana dá ao mundo a bíblia do diagnóstico aos profissionais do mundo todo. É bem provável que qualquer um que vá a uma consulta possa identificar em si mesmo até mais de um de seus distúrbios catalogados. É o DSM *Diagnostic and Statistical Manual*. (Manual de diagnóstico e estatística) Para se ter uma idéia, o DSM em 1952 listava 112 distúrbios. Em sua quarta edição de 1994 o DSM listava um total de 374 distúrbios. Qual o sentido de terem surgido tantas “novas” doenças e seus respectivos tratamentos e drogas? A causa de sempre, dinheiro e poder, o lobby dos laboratórios farmacêuticos. Qualquer

problema humano encontra hoje sua contrapartida diagnóstica e sua respectiva medicamentação. Sobre esse desvio grave alerta Marinoff: (1999: p.55) “A idéia de que todo problema pessoal é uma doença mental. É causada, primordialmente, pela irreflexão, e curada, basicamente pela reflexão. É aí que entra a filosofia”.

Enquanto as terapias estabelecidas têm a metodologia de descobrir as causas de determinado efeito. Eventualmente prescrevem as mais variadas drogas para resolver sintomas que remetem a algum diagnóstico do DSM. A Terapia filosófica tem uma metodologia diversa. Como explica Marinoff (*op. cit*; p.50) “A única maneira de se ter uma solução verdadeira e duradoura para um problema pessoal é trabalhá-lo, aprender com ele e aplicar o que se aprender ao futuro. Esse é o foco do aconselhamento filosófico, diferente dos inúmeros tipos de terapia disponíveis”.

Em Veja vemos a reação indignada dos representantes de classe dos terapeutas. O diretor superintendente da Associação Brasileira de Psicanálise, Pedro Gomes reage às atividades de Lúcio Packter, o precursor da prática filosófica como terapia. “Isso não tem nenhum valor terapêutico. O grave é que terapias malconduzidas podem provocar um surto psicótico” É evidente que certos casos não são de maneira alguma, tratáveis, “curáveis” através da terapia filosófica. Alguns pacientes têm realmente que passar por um psicólogo ou psiquiatra antes de puderem ir procurar a ajuda do filósofo. Seria bastante temerário para não dizer irresponsável tratar um esquizofrênico ou um bipolar com tendências suicidas com um filósofo.

Ainda continua Veja, sobre a expansão da filosofia clínica no país: “A despeito das críticas, a filosofia clínica tem crescido. Já há terapeutas estabelecidos em dezenove cidades de doze

Estados. Só em São Paulo são mais de 200^o De acordo com a revista, ainda, o número de filósofos excede a estimativa de O povo. A revista afirma que existem cerca de 1000 profissionais atuando na área. Bem mais do que a estimativa do jornal de “mais de 500” no país.

Interessante observar a reação do Presidente do Conselho Federal de Psicologia, Marcus Vinícius de Oliveira: “Isso tudo é uma caricatura oportunista, um arremedo de assessoria pessoal, uma seita vulgar”. Interessante como o interesse de classe e reserva de mercado é tratado como um embate entre o sagrado do institucionalizado e o profano do “novo” que, já provado, nem novo na realidade é. A inversão e a resposta a declaração poderia até ser feita citando Thomaz Szass em relação à prática moderna das terapias estabelecidas (Marinoff, *op. cit.*: p.33) “... a noção de doença mental é usada hoje sobretudo para esconder e invalidar problemas de relacionamento pessoal e social, assim como a noção de bruxaria foi utilizada do começo da Idade Média até bem depois da Renascença”.

Como preâmbulo à conclusão , cito Marinoff (*op.cit*: p.54) sobre a psicoterapia:

(...) não devemos esquecer de que psicoterapia vem de duas palavras gregas que não tem nada a ver com medicina: *therapeuein* significa “dar atenção a” alguma coisa, enquanto *psukhē* significa “alma” ou “alento” ou “caráter”. Psicoterapia, então pode significar prestar atenção à sua alma, o que faz do seu padre, ministro ou rabino um psicoterapeuta. Também pode significar dar atenção à sua respiração, o que torna seu instrutor de ioga, professor de flauta ou mestre de meditação um psicoterapeuta. Também pode significar prestar atenção ao seu caráter, o que transforma seu conselheiro filosófico num psicoterapeuta.

Afinal o que todos nós procuramos? Qual o objetivo maior de nossas vidas? O Dalai Lama afirma que frente à inevitabilidade do sofrimento, o que todos temos como ideal comum é a busca da felicidade. A *Eudaimonia* dos gregos, a palavra que designa esse estado que todos almejam. Todos temos nossos momentos de dor, todos nós passamos por momentos de indecisão, estresse, melancolia, dúvidas existenciais. A filosofia é uma resposta. Não é a resposta única e totalitária, mesmo porque isso vai de encontro aos seus próprios princípios básicos intrínsecos: sem verdades absolutas. A terapia filosófica pode sim dar a quem a busca o conforto, o contato, o diálogo e a “atenção” que todos nós precisamos. A filosofia nos ajuda a entender melhor o momento presente, nos ajuda a entender nossas próprias contradições, nossas idiossincrasias, nos ajuda mesmo no caminho do autoconhecimento. *Gnothi Seauton*: “Conhece-te a ti mesmo”. Estava escrito no oráculo de Delfos, no templo de Apolo. E esse talvez seja o caminho da felicidade.

Afinal o que todos nós procuramos? Qual o objetivo maior de nossas vidas? O Dalai Lama afirma que frente à inevitabilidade do sofrimento, o que todos temos como ideal comum é a busca da felicidade. A *Eudaimonia* dos gregos, a palavra que designa esse estado que todos almejam. Todos temos nossos momentos de dor, todos nós passamos por momentos de indecisão, estresse, melancolia, dúvidas existenciais. A filosofia é uma resposta. Não é a resposta única e totalitária, mesmo porque isso vai de encontro aos seus próprios princípios básicos intrínsecos: sem verdades absolutas. A terapia filosófica pode sim dar a quem a busca o conforto, o contato, o diálogo e a “atenção” que todos nós precisamos. A filosofia nos ajuda a entender melhor o momento presente, nos ajuda a entender nossas próprias contradições, nossas idiossincrasias, nos ajuda mesmo no caminho do autoconhecimento. *Gnothi Seauton*: “Conhece-te a ti mesmo”. Estava escrito no oráculo de Delfos, no templo de Apolo. E esse talvez seja o caminho da felicidade.

A

j a r d i m d e E p i c u r o

Se uma pessoa, ou duas, ou três, ou quatro, ou o número que queiram, estiverem em aflição, e se eu fosse chamado a ajudá-la, faria tudo que estivesse em meu poder para oferecer meu melhor conselho. Hoje, a maioria dos homens está doente, como que de uma epidemia, em função das falsas crenças a respeito do mundo, e o mal se agrava porque, por imitação, transmitem o mal uns aos outros, como carneiros. Além disso, é justo levar socorro àqueles que nós sucederão. Eles também são nossos, embora ainda não tenham nascido. O amor aos homens nos leva a ajudar os estrangeiros que venham passar por aqui. Como a boa mensagem do livro já foi difundida, resolvi utilizar esta muralha para expor em público o remédio da humanidade.

Doente, a humanidade transformada em rebanho precisa de tratamento. A fonte do mal, que se alastrá pelo contágio do mimetismo, está detectada: as falsas crenças. O que move a ação curativa é o generoso sentimento de *philia* que, além de sustentar intrinsecamente a filosofia, transborda – enquanto amor à sabedoria – em amor à humanidade. A ação do médico-filósofo ou do filósofo médico – ressalta desde Empédocles e Sócrates/Platão – não conhece, porém, na linguagem epicurista, qualquer tipo de restrição quanto à escolha do paciente-discípulo: todos tem direito à cura, sem limitações sociais, econômicas, étnicas. Por isso, a mais ampla publicidade deve ser dada ao tratamento: o remédio é oferecido a qualquer um, a qualquer passante, mesmo aos estrangeiros, pois seu valor e benefício são universais, acima das contingências do espaço e tempo. E sua preservação em pedra é justamente para que os pôsteros – que “também são nossos” – dele possam usufruir.

Mas, afinal, que remédio é esse, capaz de livrar a humanidade de aflições e tormentos? O remédio é o *logos* filosófico enquanto portador da verdade aclaradora, o discurso enquanto *phármakon*, enquanto curativo porque discurso-razão que espanca as trevas



Fig. 10 - Epicuro

Jardim de Epicuro

Epicuro foi um filósofo e professor grego, viveu entre de 341-270 a.C., tinha como tema norteador básico de sua filosofia a sabedoria prática, suas obras mais conhecidas: *On Nature* (restaram fragmentos), *De Rerum Natura* (Poema de Lucrecio que reflete a filosofia epicurista).

Diz-se que Epicuro foi prolífico escritor e tinha mais de trezentos títulos contabilizados em sua obra, mas pouca coisa do legado do filósofo chegou até nossos dias. Sobre o básico de sua doutrina José Américo de Almeida afirma:

“No final do séc. XIX, arqueólogos franceses descobriram em Enoanda, na Capadócia (Turquia Central), pedras contendo curiosa inscrição: uma mensagem filosófica mandada gravar por certo Diógenes, no século II d.C. Na verdade, a mensagem que esse cidadão de Enoanda e professor em Rodes procurou perpetuar no muro de um dos pórticos de sua cidade é constituída por teses fundamentais da ética de Epicuro, filósofo grego que vivera cerca de quinhentos anos antes (século III a.C.). Testemunho comovente da admiração de um discípulo por seu mestre, o texto inscrito nas pedras da muralha parece conter uma carta que Epicuro endereçara à sua mãe, mas que Diógenes considera de imensa valia para qualquer pessoa, de qualquer época. Assim, movido pelo amor aos homens, procura partilhar indiscriminadamente os ensinamentos do mestre com qualquer um que passe diante da muralha de Enoanda. Justifica-se Diógenes na parte inicial da inscrição:

das credices, expulsando os males da alma. Só que na inscrição de Enoanda ela aparece sob a forma de tetraphármakon, o quádruplo remédio composto por ingredientes das Doutrinas principais de Epicuro. Eis-lo:

Não há o que temer quanto aos deuses.

Não há nada a temer quanto à morte.

Pode-se alcançar a felicidade.

Pode-se suportar a dor.”

Apesar de o epicurismo ter sido mal interpretado e confundido com hedonismo (“Coma, beba e seja feliz, porque amanhã estaremos mortos”), Epicuro, na verdade, defendia prazeres moderados, tais como a busca da estética e da amizade. Fundou em sua época uma das primeiras comunas (O Jardim) e considerava a filosofia um guia prático de vida. Talvez ele tenha sido o primeiro hippie. No programa pretende-se somar esse elemento espacial/conceitual/urbanístico contextualizando as idéias epicuristas com nossa realidade atual.

Em 306 a.C. ele funda seu Jardim (*Kēpos*). Na verdade, o *Kēpos* não é propriamente um parque (*paradeisos*), mas uma horta útil para a alimentação frugal dos que ali se recolhem, em convivência amigável junto ao mestre e inteiramente apartados das questões e distúrbios da *Polis*. A aquisição e a difusão da sabedoria epicurista sustentam-se com efeito, na *Philia* (amor desinteressado, não concupiscente, amor filial) que liga os discípulos numa sociedade de amigos, que os vincula fortemente ao mestre e une todos à mesma doutrina. No jardim ele concretiza sua proposta básica e dupla: aliar razão iluminadora e amor à humanidade. Ele busca basicamente a felicidade, *Eudamonia* dos gregos, com isso essa sua idealização acaba por

tomar aparência de seita, confraria, com a diferença que esta é uma seita laica, centrada na felicidade terrena, alheia a felicidades posteriores transcedentes e todos os tipos de credices e obscurantismos. Esse humanismo inédito vai de encontro até com a estabelecida democracia grega, que era democracia relativa, onde apenas participavam homens livres adultos nascidos na *Pólis*, com veto às mulheres, escravos e estrangeiros, no Jardim essas sanções não existiam, o *Kepos* admitia as mulheres, os escravos, estrangeiros, quem quer que se interessasse pela proposta epicurista, de amizade e amor à filosofia e à humanidade.

Em suas últimas palavras registradas por Diógenes Laércio, Epicuro, exorta seus discípulos a se lembrem de suas lições. Daí percebemos que a memória tem papel importante na ética epicurista, e enquanto forma de manutenção da sabedoria conquistada. Conversas, lições, correspondências, tudo isso era devidamente documentado em seu Jardim, daí ele também ser um tipo de “empresa editorial”. No programa do Centro a idéia da empresa editorial do *Kepos* é retomada, a consciência da necessidade de documentação e preservação da memória é assumida na inserção no projeto arquitetônico de um pequeno complexo gráfico, a preocupação com os pôsteros e com a permanência de seus ensinamentos é flagrante em Epicuro, e no Centro a preocupação da democratização da informação e do pensamento filosófico em geral estão expressos também nesse elemento programático, afinal, *Scripta manent Verba inlant.* (as palavras escritas permanecem, as faladas voam)

Assim como Epicuro, Platão concebe que filosofar é via de salvação não apenas individual, não somente da alma, mas também auxilia na solução de problemas macros, como os da Polis. Para ambos, sábio é aquele que se liberta das ilusões, mas que se torna em decorrência, na condição de filósofo-pedagogo, médico de almas, libertador dos que permanecem

prisioneiros na caverna dos enganos e simulacros, mas é também, paralelamente, o que interfere nos rumos da cidade, enquanto filósofo político. Salvação pessoal e salvação da Polis são duas faces do mesmo caminho de retorno, da mesma missão libertária: ética e política se entrelaçam e se completam. O Jardim de Epicuro para funcionar de acordo com seus propósitos tem necessidades de certas condições de vida adequadas. Nem a imersão no torvelinho da cidade e da multidão, nem o total isolamento, mas o convívio no grupo de amigos que são também amigos da sabedoria. Daí então o Jardim e suas delícias. No *képos* do Centro de Estudos Filosóficos pretende-se exatamente isso, aliar uma localização no seio de uma área eminentemente voltada para a produção do conhecimento; a troca de experiências proporcionadas com sua inserção no futuro pólo cultural, e em dado momento do projeto exibir a possibilidade de um espaço propício ao recolhimento, através de um paisagismo e urbanismo estratégico do Jardim, mantê-lo resguardado do contato direto com o burburinho e agitação urbana circundante.

A proposta do Jardim e do Centro em geral é a proposta da democratização, popularização e uso amplo e irrestrito e prático da filosofia em geral, filosofia não enquanto estudião ou “academismos” e infindáveis referências e citações cansativas e herméticas de filosofias e filósofos , mas filosofia enquanto medicina da alma, enquanto o *Pharmakon* proposto por Epicuro. Pretende-se tirar a filosofia da torre de marfim inatingível para os comuns mortais e torna-la acessível e cotidiana como foi na Grécia antiga, na Ágora, com Sócrates, como foi mais plena e democrática no Jardim de Epicuro, e como deveria ser hoje, já que a verdade e o conhecimento libertam, já que: “deves servir a filosofia para que possas alcançar a verdadeira liberdade”.



5

benfica

Considerações sobre a área a ser implantado o Centro de Estudos Filosóficos & idéias para o bairro e o Pólo Cultural do Benfica

Introdução

As idéias/propostas para o bairro foram feitas baseando-se em visitas e caminhadas de reconhecimento na área; nas considerações e notas de palestra de José Borzachielo da Silva sobre a proposta do Pólo Cultural do Benfica, realizada no auditório do curso de Arquitetura e Urbanismo em Maio de 2001; e mesa redonda sobre o Benfica realizada na I Semana de arquitetura da UFC, realizada no auditório do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC a 8 de agosto de 2001. Estudos sobre utilização do solo e anexos com mapas foram gentilmente cedidos pelos alunos da turma de Projeto Urbano 4, período letivo de 2001/1; cadeira ministrada pelo professor José Sales. Foram também extraídas informações sobre a área e estudadas propostas de intervenções presentes no Projeto de Graduação de autoria de Andréa Agda, Carlos Roris e Marcos Maia – Universidade Linear em binário – Uma alternativa de campus integrado à cidade. Informações adicionais sobre o bairro e propostas de requalificação e implantação do pólo cultural foram extraídas do termo de referência do “Plano de requalificação urbana do Grande Benfica”. Documento da Prefeitura municipal de Fortaleza, SER IV - Secretaria executiva regional IV – Pólo cultural do Benfica – (Documento feito sob consultoria e responsabilidade técnica da arquiteta Ruth Torres Holanda)

O bairro – breve leitura urbanística

Em um primeiro momento podemos caracterizar o bairro pela sua peculiar característica de ser um centro de produção do saber, com atividades relacionadas à educação estabelecidas e consolidadas no interior de seu perímetro. Característica esta que foi crucial na definição do mesmo como área preferencial para a instalação do CEF.

Além disso, soma-se a possibilidade desse equipamento integrar-se à uma rede de serviços e equipamentos urbano-culturais que formarão em conjunto a proposta do Pólo Cultural do Benfica. Essa também é premissa fundamental na concepção do Centro de Estudos Filosóficos. Ele só terá chances de funcionar eficazmente se fizer parte de um planejamento macro para a área, se vier somar-se a outros equipamentos e estratégias para a concretização da otimização geral da utilização dessa área e consolidação do Pólo Cultural do Benfica. Se isso não for observado a proposta do CEF recairá em equívocos correntes de planejamento da cidade de Fortaleza. Intervenções pontuais, paliativas, isoladas, sem projeções de impactos futuros e planejamento global.

A área a ser implantado o Centro e raio de ação das intervenções dos projetos situa-se no Bairro do Benfica, propriamente dito. Para fins de planejamento, considera-se que o Bairro possui uma abrangência e influência em outros bairros circundantes como: Damas, José Bonifácio e Fátima. Formando esse conjunto um aglomerado que é conhecido como o Grande Benfica. (Ver tabela 1) O bairro (Grande Benfica) possui densidade populacional de 106 habitantes/há, e possui uma população de 69110 habitantes; o que equivale a uma cidade de porte médio em nosso Estado. Há mais de 16 mil domicílios na área. O que determina

uma importância crucial para o Planejamento da área e da instalação do Pólo cultural e do Centro de Estudos filosóficos. A população é formada, em sua maioria por pessoas de classe média, consumidores em potencial e usuários das futuras benfeitorias arquitetônico-urbanísticas na região. (Ver tabela 2) Percebemos que encontraremos os futuros usuários das instalações do Centro e do pólo, nas próprias circunvizinhanças; além de usuários vindos de outras partes da cidade, outras cidades, Estados e até, outros países. Atraídos, os usuários exógenos, pelo próprio potencial e vocação cultural e de ensino da área; já existentes e potencializados pelas estratégias de planejamento.

Tabela 01
Área, população, densidade e número de domicílios do Grande Benfica

Bairro	Área (ha)	Pop. 1999	Ds Dm hab/ha	Número de domicílios
Benfica	143,1	17037	119	4125
Damas	96,6	10402	108	2525
José Bonifácio	88,8	12350	139	3012
Fátima	322,5	29321	91	6664
GRANDE BENFICA (TOTAL)	651	69110,3	106	16326

(Fonte: IBGE E PMF)

Tabela 2
Distribuição dos chefes de família por faixas de renda no Grande Benfica - 1996

Bairro	Até 3 SM	De 3 a 20 SM	Mais de 20 SM	Sem rendimento	Sem declaração
	%	%	%	%	%
Benfica	41,66	51,44	3,36	3,24	0,30
Damas	46,97	45,74	2,79	4,40	0,09
José Bonifácio	45,39	48,13	3,98	2,31	0,20
Fátima	22,95	61,12	12,89	2,41	0,63
TOTAL	35,47	53,93	7,31	2,91	0,38

(Fonte – IBGE/PMF)

A vocação de efervescência cultural, local de contestação e atividades culturais e de entretenimento é antiga. Podemos citar a quadra do céu, a concha acústica da U.F.C. A Casa Amarela, as casas de cultura, o Teatro Universitário, o MAUC, Museu da Universidade Federal do Ceará, o Bar da ADUFCE, os centros acadêmicos dos diversos cursos, a praça da Gentilândia; todos em diversas épocas contribuem ou contribuíram para a dinâmica própria do bairro e sua agitação cultural.

Sua localização geográfica configura em elo de ligação entre a zona central e a zona sul da cidade, sendo o principal eixo de acessibilidade de bairros importantes como o Montese, Parangaba e Aeroporto



Fig. 11 Praça da Gentilândia

Por ela passam os grandes eixos do sistema viário principal – Av 13 de Maio, Av. João Pessoa, Av. da Universidade, Av. José Bastos, Av. Luciano Carneiro, Av. dos Expedicionários, AV. Domingos Olímpio, Av. Aguanambi e Av. Borges de Melo, que são também expressivos corredores de atividades. Por ter sido considerada uma das zonas mais nobres da cidade nos fins do século passado e início do atual, tem uma arquitetura que o diferencia do resto da cidade com casarios imponentes e majestosos

Constitui-se uma área de intensa diversidade de uso, abrigando não só o uso residencial como também o comercial e de prestação de serviços, o uso industrial e o de lazer. Por esta razão a área é usufruída não só pela população residente , mas também por estudantes, trabalhadores, prevendo-se que este afluxo adicional incorpore uma população significativa somente na área do Benfica.

Suas manifestações culturais também extrapolam seus limites territoriais concentrando pessoas das mais diversas localidades da cidade como é o caso do Carnaval de Quem é de Benfica.

Os equipamentos e as potencialidades estão aí. Resta organizá-las, reestruturá-las tentando redescobrir a identidade e a vocação do Bairro. Reestruturação esta que não deverá passar por quaisquer processos de destruição e/ou descaracterização do local. Remodelamento sem seguir as tendências globalizantes.

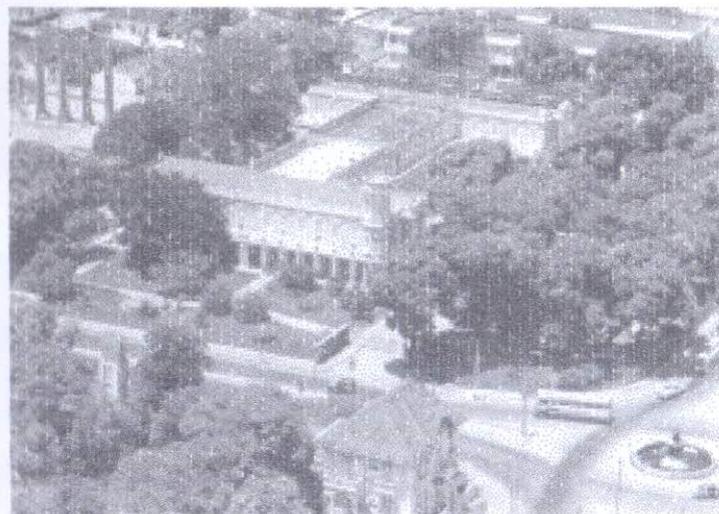


Fig. 12 Foto aérea da Reitoria

O Benfica é um Bairro de atividade intensa. Funciona praticamente as vinte e quatro horas do dia. Isso é uma peculiaridade que deve ser observada. Já que bairros eminentemente residenciais têm sua atividade restrita a certos horários, já que o Centro, por exemplo, requalifica suas funções e suas atividades de acordo com o período do dia; requalificação e mudança de intensidade de atividades drástica. Dentro dele observamos uma territorialidade diversa. Com o esmagador peso institucional do Campus do Benfica, do Centro Federal de Tecnologia de um lado. Uma realidade que acabou por comprometer a função do habitar no bairro. Inclusive é costume, devido ao fato mencionado, afirmar que o bairro é formado por “usuários” e não “moradores”. Isto é, sua população não se limita as pessoas que possuem residência no local. Ela é composta também de uma imensa população jovem que diariamente transita e usufrui o seu espaço para estudar, trabalhar, circular e se divertir, e da população em geral. O bairro acaba por não apresentar uma densidade demográfica que seja capaz de dar suporte para que ele se auto-sustente. Até pouco tempo atrás o setor de comércios e serviços da área era bastante insuficiente, quase inexistente. Com o surgimento do Shopping Benfica essa realidade mudou, com esse grande equipamento, o bairro melhorou seu déficit nessas funções e sua presença estimula o aparecimento de mais equipamentos nesse setor nas circunvizinhanças.

Planejar pressupõe antever, projetar circunstâncias futuras. Muito em breve a realidade do Benfica vai mudar drasticamente, o processo já começou. Podemos considerá-lo perfeitamente como um sub-centro importante da cidade de Fortaleza, inclusive por sua vizinhança geográfica com o mesmo. Pelo seu contingente populacional flutuante e por sua inegável importância para a cidade. A futura estação Benfica vai ser a segunda maior do Metrofor, com um transbordo de quase vinte mil passageiros/dia, perdendo apenas para a

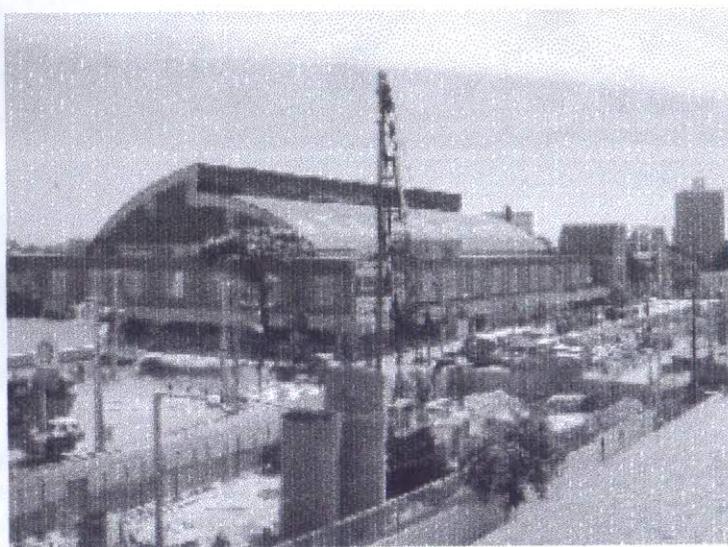


Fig. 13 Shopping Benfica e obras do Metrofor

futura estação da Lagoinha. O Pólo Cultural do Benfica vem como uma proposta de inversão na política das instâncias governamentais que erguem um Centro cultural para turista ver ligado a um turismo que privilegia o litoral em detrimento do interior. O Pólo viria como a proposta de um Centro Cultural do “Sertão” e não da praia. A idéia surgiu de um grupo que se define como “uma associação civil, de caráter comunitário e supra-institucional, sem fins lucrativos e qualquer vinculação partidária, que tomou para si a responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento cultural , ambiental , urbano, educativo e esportivo do bairro.”

A necessidade de planejamento para a área vem de uma necessidade maior; de uma tendência mundial. Vemos a expansão de uma rede mundial de cidades. Os grandes centros urbanos estão cada vez mais ligados a um sistema global de cidades. A “Aldeia global” consolida-se dia-a-dia. Estão sendo adotadas em muitas regiões do globo novas técnicas de administração e gestão, originárias do mundo empresarial e visando o desenvolvimento urbano. Isso devido à observação de três fatores principais:

- As cidades, assim como as empresas, vivem num mundo concorrencial, competindo entre si para atrair investimentos, visitantes e moradores;
- O potencial de desenvolvimento das cidades não será realizado se for deixado por conta da ação das forças de mercado. As cidades precisam de uma visão integrada e estratégica para guiá-las
- O futuro das cidades já não é mais um problema exclusivo das administrações públicas, mas afeta e interessa à população em geral e os agentes sociais e econômicos que nela atuam.

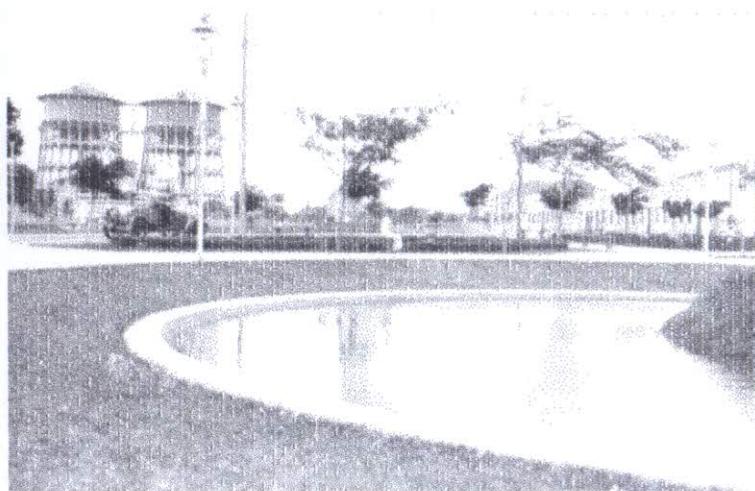


Fig. 14 Caixas d'água (Ver proposta 22 das idéias para o Benfica)
Foto histórica: fonte MIS (Museu da Imagem e do Som)

Se essas são as recomendações do urbanismo contemporâneo, faz-se extremamente necessário um planejamento para o Bairro do Benfica, área estratégica para a cidade de Fortaleza, como explicitado e comprovado nas linhas e entrelinhas desse texto.

Far-se-á a seguir uma leitura do espaço de entorno da implantação do CEF e do bairro do Benfica. (ver anexo de uso do solo – Benfica) Após a leitura urbanística desse espaço será proposta em caráter preliminar intervenções e estratégias de requalificação e otimização das potencialidades urbanísticas da área. Estratégias e proposições que são as **propostas para o bairro do Benfica**.

Propostas. (ver mapa em anexo)

"Ao se querer restituir à cidade a sua dimensão círica, há pois que se atentar para o fato de que o declínio do homem público e o correspondente alargamento da esfera privada - porém desfigurada como intimidade narcisista - está na origem da maior parte das patologias urbanas." (Otília Arantes)

As propostas e idéias para o desenvolvimento sócio-econômico, urbano e humano do Bairro do Benfica, com o intuito de esboçar soluções para problemas e aproveitar potencialidades pré-existentes estão enumeradas a seguir:

1. Praças do canal. Criação das áreas de convivência do canal, com redesenho do mobiliário urbano, criação de caminhos de ligações com os caminhos de pedestres do Benfica. Praças lineares com quiosques, bancas de revistas, telefones públicos, etc..
2. Criação da via paisagística Eduardo Girão
3. Demolição do antigo edifício de armazenagem da COBAL, hoje CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento) Construção no local de Faculdade de cinema da UFC, edificação que agregará também as funções hoje realizadas pela Casa Amarela.
4. Retirada de postes de eletrificação e respectiva fiação. Implementação de fiação subterrânea nos principais corredores de circulação: Eduardo Girão, Av. da Universidade, Av. Carapinima, Trecho da Rua Mal. Deodoro.
5. Nova sede da SER IV (Secretaria Executiva Regional IV) em lote ocupado pela Emlurb.
6. Praça da Feirinha. Pista de Cooper, quadras poliesportivas e ordenação/organização de stands da feirinha.
7. Redesenho da praça da Gentilândia, criando equipamentos permanentes de suporte ao "Quem é de Benfica" e outros eventos e festividades ao longo do ano.
8. Praça do 23º B.C. Recuperação do mobiliário urbano existente e pavimentação.

9. Complexo P.V./Aécio de Borba. Projeto de remodelação urbanística do complexo. Dotação de infra-estrutura de comércio e serviços para o bairro, retirada dos muros e integração com o CEFET.
10. Parque urbano do Benfica; englobando: equipamentos de uso e apoio à atividades desportivas; equipamentos de lazer infanto-juvenis; mini zoológico, construção de pista oficial olímpica de atletismo. Área coberta com grande estrutura de lona tensionadas conjugadas, para atividades circenses e grandes eventos. Edifício-garagem para o pólo cultural e Estádio Presidente Vargas. O Parque será associado à iniciativa privada, com parte da área destinada à construção de torres residenciais.
11. Criação de trecho subterrâneo da Av. 13 de Maio. Calçadão para pedestres interligando Reitoria e anexos e concha acústica ao Centro de Humanidades, Casas de Cultura, Curso de Comunicação Social, MAUC, Curso de Arquitetura e Urbanismo.
12. Corredor cultural da Av. da Universidade. Proibição de tráfego pesado, linhas de ônibus redirecionadas para a Av. Carapinima. Diminuição da caixa da via e subsequente aumento dos passeios. Tratamento paisagístico dos passeios. Criação de mini-praças lineares ao longo da avenida. Construção de passarelas no calçadão da Av. 13 de Maio cruzando a nova Av. da Universidade.
13. Abertura da Praça Central com a retirada de muros e grades. Criação de agenda de eventos e festividades para maior integração Universidade – comunidade.
14. Bosque com área de convivência. Pista de Cooper e Playground. Chácara abrigará, prioritariamente, sede de ONG (Organização Não-Governamental) ou sede de entidade filantrópica.
15. Retirada de muros. Abertura parcial (questões de segurança) da área da Concha acústica. Elaboração de agenda de espetáculos e eventos para maior e melhor utilização do espaço. Abertura do edifício da Reitoria à visitação pública.
16. Retirada do muro. Reforço, ampliação e redesenho das instalações da ADUFCE (Associação dos docentes da Universidade Federal do Ceará) Criação do Centro Cultural da ADUFCE.
17. Transformação da Casa Amarela em Museu do cinema.
18. Reforma, ampliação e redesenho do Teatro universitário e do conservatório de música.
19. Trecho para pedestres da Rua Instituto do Ceará. Atividades de lazer em apoio ao pólo cultural; bares, restaurantes e Cafés.

20. Utilização da estrutura do galpão da Fundição Cearense para ser sede do pólo cultural do Benfica; espaço para exposições, Mercado Mix, oficinas, salas de aula, Cafés, restaurantes e serviços.
21. Construção de um edifício-garagem nessa grande articulação. Servindo e suprindo necessidades de vagas para corredor cultural da Av. da Universidade, de equipamentos do Pólo cultural e até para o Centro da cidade.
22. Criação do “Espaço das caixas d’água”. Bares e/ou boates dentro das caixas d’água. Embaixo das mesmas e na área imediatamente circundante, criação do Largo das Caixas d’água.
23. Praça Clóvis Beviláqua. Redesenho da mesma com a intenção de restituir o caráter cívico do local e a tradição de aglomeração política. O futuro desenho deverá liberar visuais e enfatizar os pontos focais do Solar do Barão de Camocim e Faculdade de Direito. Ligação com o Largo das Caixas d’água.
24. Inventário arquitetônico das edificações de interesse artístico, histórico e afetivo do bairro.

20. Utilização da estrutura do galpão da Fundição Cearense para ser sede do pólo cultural do Benfica; espaço para exposições, Mercado Mix, oficinas, salas de aula, Cafés, restaurantes e serviços.
21. Construção de um edifício-garagem nessa grande articulação. Servindo e suprindo necessidades de vagas para corredor cultural da Av. da Universidade, de equipamentos do Pólo cultural e até para o Centro da cidade.
22. Criação do “Espaço das caixas d’água”. Bares e/ou boates dentro das caixas d’água. Embaixo das mesmas e na área imediatamente circundante, criação do Largo das Caixas d’água.
23. Praça Clóvis Beviláqua. Redesenho da mesma com a intenção de restituir o caráter cívico do local e a tradição de aglomeração política. O futuro desenho deverá liberar visuais e enfatizar os pontos focais do Solar do Barão de Camocim e Faculdade de Direito. Ligação com o Largo das Caixas d’água.
24. Inventário arquitetônico das edificações de interesse artístico, histórico e afetivo do bairro.



6



projeto

O espaço existencial e Memorial explicativo do partido

Da essência e do conceito filosófico, espacial e arquitetônico do projeto.

O que é, na verdade o espaço? O que significa realmente construir? O que é o conceito de espaço existencial? Longe de responder de forma absoluta essas questões o que se pretende mesmo com esse trabalho é abrir mais questionamentos e assumir certos posicionamentos ideológicos. A própria essência da filosofia está em buscar a verdade, nunca absolutos. A busca é o que proporciona as surpresas e as indagações, o movimento no sentido do pensar e refletir. O fim é a procura e não o achar. As satisfações e as respostas remontam ao parar, ao cessar do pensar, do indagar, do rever. Lao Tsé afirma em seu livro Tao-te-ching:

*"Sem a permissividade para o armazenamento, um vale tornar-se á seca;
Sem a permissividade para o crescimento, a criação cessará de existir."*
(Capítulo 39)

O aspecto básico de qualquer existência é o crescimento, o movimento. O que está parado, por definição está morto. O que significa a linha reta e imóvel em um eletrocardiograma? (...) A deterioração e a impermanência de tudo invalida quaisquer tentativas de definições absolutas do tangível. Uma via de interpretação e busca do sentido da existência e do espaço poderia ser através do Tao de Lao-Tsé. Tao significando caminho do intangível da criação.

Outro conceito do pensador chinês é o do Te, que seria uma manifestação do intangível no particular. É importante enfatizar nesse ponto que não se pretende aqui uma abordagem unilateral “orientalizante”, nem se trata de um gesto escapista de questões mais “tangíveis” de arquitetura e projeto.

E o espaço é o mesmo que lugar? Não. Espaço é um conceito mais amplo. Já na Grécia antiga, Aristóteles desenvolveu o primeiro conceito filosófico de espaço. Para ele o espaço adviria primeiro do conceito de lugar. (*topos*) Para ele o espaço seria a soma de todos os lugares, um campo dinâmico com direções e propriedades qualitativas. O lugar seria um fenômeno específico mais complexo. (Ver conceito de *genius loci* nesse trabalho, pág. 19)

De uma maneira didática podemos dividir o espaço em cinco categorias básicas: o espaço pragmático das ações físicas, o espaço perceptivo da orientação imediata, o espaço existencial que forma as imagens estáveis que o homem tem de seu ambiente, o espaço cognitivo do mundo físico e o espaço abstrato de relações lógicas puras. (Norberg-Schulz, 1971: p.11) Para a arquitetura todas as categorias de espaço são importantes. Agora, para uma arquitetura que se pretenda menos equívoca e mais coerente com as aspirações humanas mais amplas, o espaço por excelência a que devemos nos ater é o espaço existencial. Merleau Ponty (In Norberg-Schulz, 1971: p.16) realiza uma inversão lógica e afirma que o espaço é uma das estruturas que nos afirma como ser-no-mundo. Afirma em primeiro lugar que o espaço é existencial, para em seguida reverter e aprofundar; a existência é espacial. Mas essa noção de existência vinculada estreitamente ao espaço não é inédita e vem desde Heidegger, que disparou o aforisma “a existência é espacial”. Afinal referenciamos todas as nossas ações, pensamentos, reações a algum lugar, a algum sistema de orientação. E, voltando, é o espaço

pensamentos, reações a algum lugar, a algum sistema de orientação. E, voltando, é o espaço cognitivo que dá sentido a todos as outras categorias de espaço. É a referência lógica que dá o sentido dos outros “espaços”. Ao arquiteto resta a grande síntese conceitual-criativa de engendrar espaços. Mas que espaços? Em sua conclusão Norberg Schulz postula que ao arquiteto resta a tarefa de ajudar ao homem a encontrar um suporte existencial para a concretização de suas imagens e seus sonhos.

O espaço está intimamente ligado ao conceito mesmo do “ser”. Estar no mundo significa habitar em algum lugar, significa morar, permanecer. O conceito de habitar está inexoravelmente vinculado à própria existência humana. O habitar entende-se aqui ampliado às mais diversas atividades humanas que necessitam de abrigo. E a tarefa do arquiteto de construir torna-se então de suma importância existencial. Sobre a problemática do ser e do habitar afirma Heidegger: (1959: citado em Norberg-Schulz, 1971: p.31)

O que significa construir? A antiga palavra germânica para construir era buan e significava habitar. Isto é ficar, permanecer. A palavra bin (ser) vem da antiga palavra construir, então “eu sou”, “você é” significa: eu habito, você habita. A maneira como você é e eu sou, a maneira que os homens estão na terra é “buan”, habitando.

Habitar é o princípio básico da existência

Ao nível do espaço perceptivo da orientação imediata; pressupõe-se que o homem tenha uma figura geral mental do mundo exterior. Linch (1960: p.160) afirma que essa imagem é o produto tanto da sensação imediata como da memória de experiência passadas e isso é usado para interpretar informação e guiar ação. Linch(*op.cit.*:p161) ainda afirma sobre a importância



Fig. 15 Rafael Sanzio (1483 – 1520) A Escola de Atenas

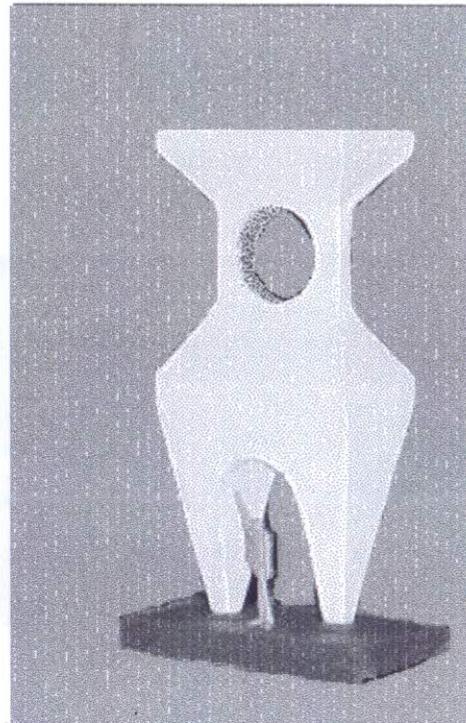
O partido

O conceito espacial e filosófico do projeto foi retirado em parte da expressividade implícita e idealista de uma pintura da renascença. A imagem é forte e passível de amplas possibilidades de reinterpretação contemporânea. Trata-se de: "A Escola de Atenas" de Rafael Sanzio. O pintor, em sua genialidade conceitual e com inegável beleza e excelência artística, retrata uma utópica escola de filósofos. Na pintura vemos filósofos de diferentes períodos históricos juntos, reunidos. Vemos Platão retratado no centro à esquerda. O filósofo do idealismo aponta para cima, em direção às formas ideais. Vemos também a figura de Heráclito dissociada do grupo, sentado nos degraus, o filósofo que chora, dentre outros pensadores, da antiguidade até o medievo. Trata-se de uma imagem com forte apelo simbólico. Remete-nos à idéia de comunhão, confraria de sábios. Reunião e encontro com pensadores.

Os filósofos estão reunidos em um espaço que sugere a presença de uma cúpula. O lugar é precedido por amplos corredores abobadados. A sugestão é mesmo da presença de várias cúpulas interligadas linearmente pelas abóbadas explicitadas na pintura.

A idéia básica da pintura transposta para todo o nosso contexto histórico, social, espacial, tecnológico reflete-se nas formas e na organização espacial que foram adotadas no projeto arquitetônico.

Em um primeiro momento a estrutura escolhida para a expressão contemporânea das cúpulas sugeridas por Rafael em A escola de Atenas, foi a das cúpulas geodésicas. Nessa primeira concepção, a cúpula, que seria única, demarcaria um espaço de acolhimento e distribuição para os demais edifícios constituintes do Centro. Os edifícios estariam em uma



conformação fechada. Definiriam assim um espaço inter-prédios, remontando ao espaço do pátio interno dos mosteiros medievais. Referência à gênese histórica da conformação arquitetônica de inúmeros complexos educacionais. O conceito não foi abandonado. Mas sofreu grande reformulação. Realizou-se um processo de releitura e redesenho do pátio entre prédios. O pátio não é mais lugar interno de negação e segregação ao exterior; de elemento conceitual de preservação e limitação do acesso à educação e informação. Ele é aberto e acessível aos usuários do *Kepos*, do parque-jardim em que ele está inserido. (Vide texto “Jardim de Epicuro”) O pátio torna-se elemento arquitetônico coerente com a proposta de acesso universal ao saber e à informação. Tanto visualmente como espacialmente. No lugar de edifícios e planos, sólidos e opacidade definindo um espaço interno, o pátio agora, serve inclusive, além de articulador entre os edifícios; como um articulador visual de toda a integridade espacial do centro. A transparência substitui a opacidade.

A Escola de Filosofia e outras atividades do programa arquitetônico do Centro têm seu lugar em, basicamente, três edifícios; interligados por passarelas. Essas passarelas seriam a releitura contemporânea das abóbadas sugeridas na pintura de Rafael. Por outro lado o Ideal corbusieriano do pilotis e da estrutura independente é retomado no Centro. Os principais edifícios tocam no solo em pequena parte de sua projeção da primeira laje. E tocam-no por intermédio de colunas estruturais robustas que apesar de sua brutalidade tocam o solo em pequenos pontos duplos. É também uma tentativa de liberação do próprio lugar (*topos*). Naves que parecem querer erguer-se a qualquer momento. Tentativa visionária recapturando conceitos de Ledoux, Boulée e Tatlin, citando El Lissitzky: “Uma de nossas idéias para o futuro é superar a fundação, não ser mais ligado ao solo”.

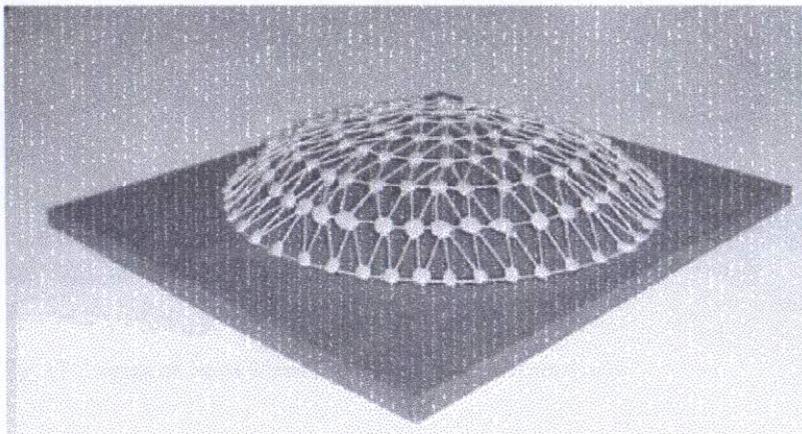


Fig. 17 - Foto da maquete estrutural de cúpula geodésica formada por segmentos esféricos com entrelaçamento paralelo – autor: Rogério Braga (foto e maquete)

Naves que parecem querer erguer-se a qualquer momento. Tentativa visionária recapturando conceitos de Ledoux, Boulée e Tatlin, citando El Lissitzky: “Uma de nossas idéias para o futuro é superar a fundação, não ser mais ligado ao solo”.

Os grandes volumes circulares encimados por cúpulas têm a intenção explícita de se tornar um marco. A idéia é formar junto com a presença e a referência forte do Estádio Presidente Vargas um duplo marco para a área. E delimitar uma das portas de entrada para o futuro pólo cultural do Benfica. Não se quer aqui confrontar ou esmagar a presença do estádio. Há assim a proposta de intensificar sua presença e a presença do próprio Centro com as grandes massas dos edifícios e com o elemento vertical. O duo Estádio-Centro pretende funcionar como elemento fortalecedor da imagem do lugar.

Na percepção subjetiva humana sempre há a necessidade de um centro, de eixos direcionadores. No partido a concepção do centro, do fulcro, é retomada; não de maneira geometricamente explícita, mas o ideal do “centro do mundo” é retomada aqui. Como explica Christian Norberg – Schulz (1971: p.19) “Em muitas lendas o centro do mundo é concretizado por uma árvore ou coluna simbolizando um *axis mundi* vertical” É uma idéia antiga. É até uma tendência humana própria de auto-referência. Os gregos colocaram o “umbigo” do mundo (*omphalos*) em Delfos. Os romanos consideravam o Campidoglio como o “*caput mundi*”. Para o Islam a Kaaba ainda é o centro do mundo. Não há aqui a intenção egocêntrica de considerar o edifício, como centro de coisa alguma, nem sequer do futuro pólo cultural. Trata-se de abordagem existencial arquitetônica pura. Tentativa de transformação de imagem onírica em imagem representativa de uma realidade idealizada. Os



Fig. 17 Cúpula de Santa Maria Del Fiori – Filippo Brunelleschi

o ponto de partida. A sugestão de sua presença pode ser considerada mais forte até do que uma expressão literal representativa da mesma. Sabemos que ela está lá.

A cúpula sempre foi usada em arquitetura para denotar transcendência, espiritualidade, busca humana pelo sagrado. Como exemplo podemos citar a notória cúpula do Pantheon, as cúpulas das basílicas cristãs, a cúpula de Santa Sofia; a maravilha arquitetônica construída por Constantino, concebida pelo gênio de Antemius de Trali e Isidoro de Mileto; primor de engenharia que resiste aos abalos sísmicos de Istambul há mais de um milênio e meio. A cúpula como um elemento espacial tem grande força gregária, centralizadora. A idéia de abrigo e de uma referência à existência humana abaixo de uma calota celeste é clara. A cúpula geodésica revoluciona essas sugestões simbólicas das cúpulas em geral, amplificando-as e redefinindo-as. Em cúpulas barrocas, houve a tentativa por meio de pinturas *trompe l'oeil* de “abrir” as mesmas. Revelando uma perspectiva celestial. Nessa época, isso só era possível utilizando-se desses artifícios pictóricos. Com a invenção das estruturas geodésicas por Buckminster Fuller, criou-se a possibilidade de projetar grandes espaços circulares cobertos por uma cúpula formada da união de elementos prismático-geométricos planos. E esses elementos são peças de vidro que têm em suas arestas, peças metálicas que formam a estrutura de sustentação da cúpula. E dessa maneira acabam tornando o sonho barroco de abrir-se rumo ao firmamento uma realidade total.

Em termos de realidade existencial-espacial a noção de espaço é intrinsecamente relacionada com o círculo, como diz Christian Norberg – Schulz (1971: p.20) “Uma forma centralizada, primariamente significa concentração. Um lugar, portanto, é basicamente redondo.” Nessa

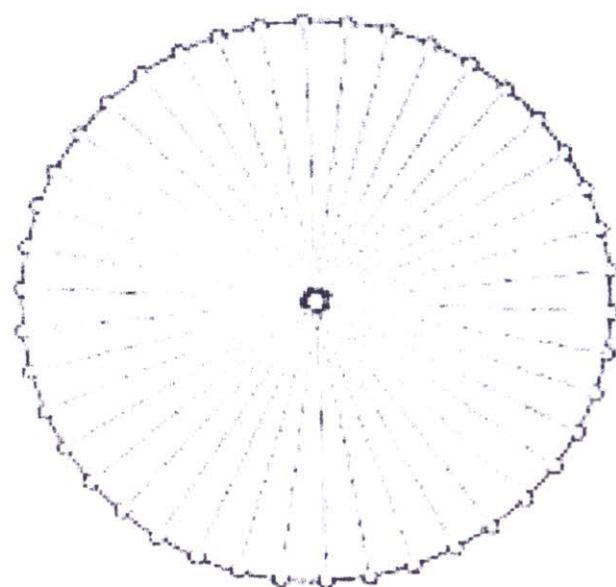


Fig. 19

Em termos de realidade existencial-espacial a noção de espaço é intrinsecamente relacionada com o círculo, como diz Christian Norberg – Schulz (1971: p.20) “Uma forma centralizada, primariamente significa concentração. Um lugar, portanto, é basicamente redondo.” Nessa conexão é interessante relembrar as palavras de Karl Jaspers: (1950, citado em *op. cit.* p.50) “Em si mesmo, toda existência parece redonda”

Uma abordagem estritamente filosófico-existencial sobre o círculo pode ser bem exposta por Rudolf Schwarz na obra “A Igreja encarnada.” (p.24, citado em *op. cit.*: p. 20)

“O círculo externo une o homem através de uma infinita corrente de mãos. O indivíduo é absorvido por uma forma superior, e, portanto, torna-se mais forte. Quando os homens concordam, eles formam um círculo, como se estivessem seguindo uma lei secreta. O círculo não tem começo nem fim, ele começa e termina em todo lugar. Curvado em si mesmo, é a mais sincera e potente de todas as figuras, a mais unânime. Mão à mão os homens são unidos pelo círculo, mas eles não estão completamente absorvidos por esse vínculo. Seus olhos estão livres. Através dos olhos a vida dirige-se ao exterior e volta saturada de realidade. Os olhos são levados juntos ao centro como o foco comum. Assim a camaradagem, o ideal comum, leva à forma mais estrita. Todos ainda estão abertos ao interior, mas só completamente abertos ao ponto central. Nesse ponto os homens são unidos. Mas não de uma maneira que o indivíduo torna-se solitário; no lugar disso, ele sabe que a verdadeira estrada ao interior, ao coração dos outros, vai através do centro. O encontro agora se torna o encontro no centro comum de significação. Entre o centro e círculo externo, uma estrela é formada, através da qual os homens transmitem sua existência ao mundo em torno deles.”

Em planta, o centro geométrico do círculo gerador do edifício é negado. Os olhos se voltam ao centro. E no centro não há nada. Embaixo de todas as cúpulas há um vazio circular no centro de todas as lajes do edifício. Há com isso a possibilidade de interação visual com o nível do solo. E no edifício da midiateca o vazio também funciona como abertura para iluminação zenital do nível do solo. As naves estão todas suspensas do solo. O ideário modernista da liberação do solo é retomado aqui.

A estrutura é toda em concreto armado pretendido de alta performance, com grandes vãos. No edifício que congrega o setor pedagógico foi criada uma espécie de ampla varanda; referência à arquitetura colonial luso-brasileira. Um espaço que, exterior e periférico às salas de aula pode ser utilizado como área para aulas ao ar livre.

Os materiais utilizados, são: o concreto, presente na estrutura e em algumas partições internas. O aço e o vidro também são utilizados, assim como a madeira. Não há a aplicação de materiais de revestimento e não há aplicações cromáticas no edifício. Parte-se aqui do princípio da longevidade dos materiais mais rústicos e resistentes. Como afirma Chang:(1956: p.14)

(...) a esperada qualidade de um edifício a longo prazo deve ser considerada também. Como exemplificado na maioria dos edifícios históricos são os materiais rústicos com suas qualidades naturais de resistência às intempéries que durarão mais, não os materiais modificados e artificiais. Eles duram mais do que as superfícies artificialmente trabalhadas porque sua característica resistente, impressionante e singular tem o poder de tolerância de cancelar os malefícios do tempo”

O edifício da midiateca é um baixo cilindro com uma circulação periférica. A circulação externa interliga os espaços do interior do edifício e conecta o próprio prédio ao edifício-hall de acesso e ao setor pedagógico. A circulação externa é totalmente aberta por grandes planos transparentes envidraçados para a rua e para o próprio interior do Centro. Aqui realmente: “Seus olhos estão livres. Através dos olhos a vida dirige-se ao exterior e volta saturada de realidade” (Norberg-Schulz, 1971: p.20) Ao nível do solo, embaixo da midiateca encontramos os consultórios filosóficos. Os consultórios voltam-se para o interior de seu próprio conjunto, onde encontramos transparência e, por conseguinte, acessibilidade visual, a um grande jardim circular central que se vale da abertura zenital e iluminação provida pela geodésica mais acima do vazio na laje do edifício.

A maior cúpula geodésica está no edifício que será o grande hall de acesso ao Centro. Sua localização na extremidade de uma alameda de palmeiras, exterior ao conjunto dá maior ênfase à porta de entrada do Centro. O hall cilíndrico torna-se também um “centro” particular da composição, porque funciona como destino no espaço existencial; assim como local de partidas e chegadas. A tensão das forças centrípetas e centrífugas do espaço singular criam a sua dinâmica própria. O hall funciona mesmo com um foco urbano. Uma articulação do próprio Centro e da realidade macro do Pólo e da própria cidade. Corrobora com essa noção, Lynch “Os homens precisam de um ambiente urbano que facilite a formação da imagem, ele precisa de bairros com características particulares, caminhos que levem a algum lugar e articulações que sejam lugares únicos e inesquecíveis.” (In Norberg-Schulz, 1971: p.30)

QUADRO DE ÁREAS DO PROJETO

Área total do terreno = 15.420m²

Área construída = 7.820 m²

Índice de ocupação = 27.8%

Taxa de aproveitamento = 50.7%

Estacionamento – de acordo com a LUOS (Lei de uso e ocupação do solo) o edifício é um PGT 2, que deve ter o mínimo de 1 vaga/50m² , está localizado com testadas para uma via arterial II e uma via local. De acordo com a lei deveria ter um mínimo de 156 vagas. Para um equipamento desse porte a lei pede que seja estabelecido um número mínimo de 5 vagas especialmente dimensionadas para deficientes localizadas próximas aos acessos principais.

Estacionamento

172 vagas, sendo 6 dessas para deficientes.

22 vagas previstas para motos

48 vagas para bicicletas

Anfiteatro – área total = 551m² (Capacidade para 820 pessoas)

2 camarins; área unitária = 14 m²

2 conjuntos sanitários; área unitária = 14m²

Edifício do Setor Pedagógico

Área total (incluso pilotos-jardim) = 4410m²

Ambiente	Quantidade	Área (m ²)	Total(m ²)
Salas de aula p/ adultos	10	47	470
Salas de aula p/ crianças	02	28	56
Conjunto de sanitários/ masculino	02	26	52
Conjunto de sanitários/ feminino	02	26	52
Gabinetes dos professores	10	10	100
Sala dos professores (reuniões e convivência)	01	29	29
Sala de informática	01	55	55
Coordenação – atendimento de alunos	01	23	23
Sala do coordenador	01	15	15
Auditório (capacidade para 117 pessoas)	01	120	120

Edifício da midiateca & consultórios área total = 2512m²

Ambiente	Quantidade	Área (m ²)	Total
Midiateca			
Vestíbulo – Guarda volumes – registro de livros e cd's	01	73	73
Depósito de livros (acervo)	01	96	96
Sala de leitura individual	01	73	73
Sala de leitura coletiva	02	14	14
Sala de leitura/acervo de livros raros	01	28	28
Sala de informática	01	36	36
Sala de segurança/serviços gerais	01	24	24
Mini-Centro gráfico	01	36	36
Midiateca – infanto-juvenil	01	136	136
Administração			
Sala da secretaria do coordenador	01	20	20
Sala do coordenador	01	36	36
Consultórios e 1º pavimento			
Recepção/consultórios	01	25	25
Consultório	12	24	288
Vestiário/ funcionários/ masculino	01	25	25
Vestiários/ funcionários/ feminino	01	25	25
Almoxarifado	01	19	19
Copa/cozinha/ funcionários	01	18	18

Café filosófico; área = 89m²

Edifício do Hall de acesso; área = 258m²*

2 Guaritas de segurança, área unitária = 4m²

Lixeira; área = 3.7m²

* área inclui o mezanino

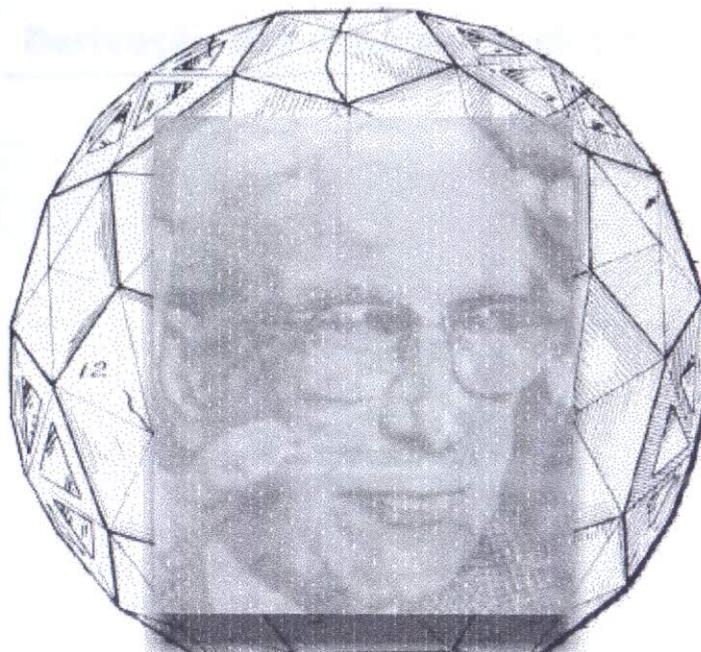


Fig. 20 Buckminster Fuller – (1895 – 1983) Arquiteto, filósofo, inventor, poeta, escritor e professor. Inventor das cúpulas geodésicas.

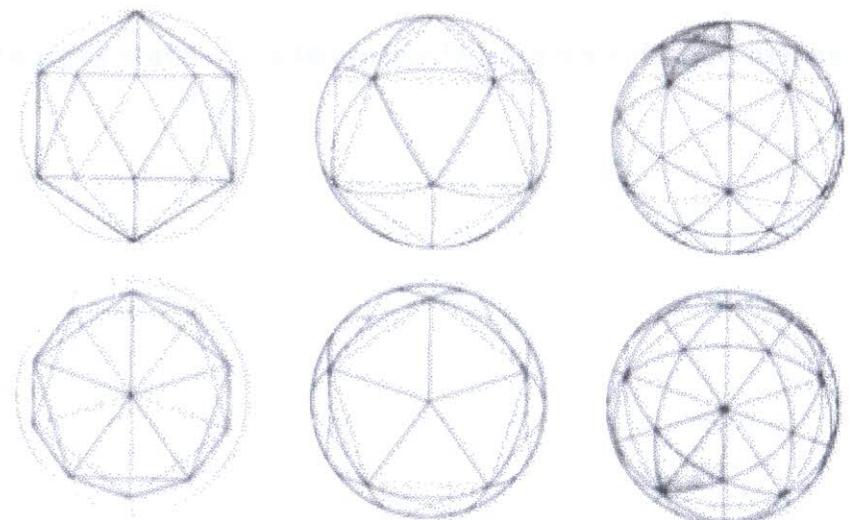
As cúpulas geodésicas

As cúpulas utilizadas nos edifícios do Centro são geodésicas. Dizemos que um poliedro é uma geodésica (geo = terra) quando ele tem seus vértices sobre uma superfície esférica. Quanto maior o número de vértices (e de faces) mais próximo o poliedro se aproxima de uma esfera. Logo, podemos inclusive considerar uma esfera como sendo um poliedro com número de vértices tendendo ao infinito. As primeiras cúpulas geodésicas usadas como coberta datam de 1922 (Planetário de Iena, Áustria, calculado por Bauersfeld), embora a figura geométrica fosse conhecida muitos séculos antes.

Os estudos sistemáticos que levaram à fabricação industrial e ao cálculo matemático são do arquiteto, filósofo, inventor, poeta, escritor e professor Buckminster Fuller.

As cúpulas usadas no projeto são formadas por segmentos esféricos com entrelaçamento paralelo. (Engel, 1981: p.99)

Derivação das cúpulas geodésicas



Icosaedro
20 triângulos equiláteros
idênticos

Icosaedro esférico
20 triângulos equiláteros
idênticos

Bissetriz
60 triângulos idênticos formados
por 15 grandes arcos

Formas de grade típica para domos geodésicos

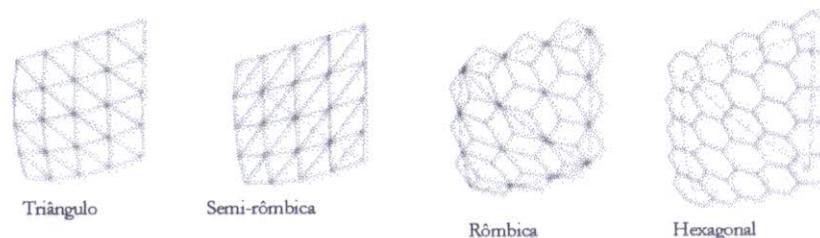


Fig. 21 Derivação geométrica de domo geodésico

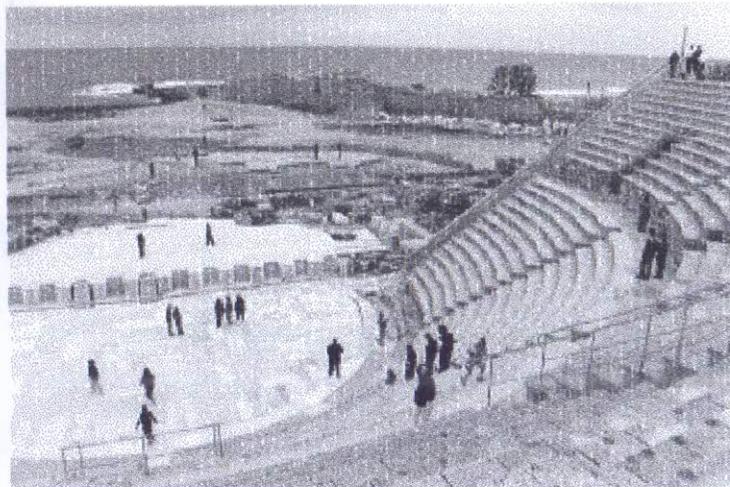


Fig. 22 Anfiteatro grego

Da pertinência do anfiteatro no Centro de Estudos Filosóficos

A tragédia grega e sua importância para a civilização ocidental.

A presença do anfiteatro no programa do Centro vem da premissa primeira e básica de todo o projeto: a democratização do saber filosófico. Nele poderão ser encenadas adaptações de tragédias gregas, peças locais, manifestações, discursos, palestras ao ar-livre; enfim, pretende-se que seja mais um espaço democrático por excelência.

A Filosofia caminha lado a lado em seu berço, na Grécia, com a tragédia. O povo ateniense, instigado pelos novos filósofos, nem sempre abraçava o *logos** que lhes era proposto. As especulações filosóficas não atingiam a grande massa da população grega, a plebe. A democracia ateniense, como já explicado, era uma democracia relativa. Era, na verdade, uma estrutura de exclusão. Das decisões da *polis* não participavam as mulheres, os escravos, as crianças e os estrangeiros. A participação da grande massa da população começa a ser de outra forma, não decisória, porém reflexiva e catártica com a invenção, no século V a.C. da tragédia Ática.

Ainda coerente com o conceito do Jardim de Epicuro, o anfiteatro vem exercer a função de agregador democrático pleno de cidadãos. Pode ser um espaço único de contestação pública e emissor de críticas satíricas teatralizadas à nossa realidade, à política local, e, por que não (?), à política mundial.

Avesso à noção latina do *pane et circenses* (pão e circo) o espaço pretende ser o palco de uma nova encenação de tragédias contemporâneas e tragédias clássicas. Retoma-se aqui também o ideário da *Kátharsis*, (do grego, purificação, como por um rito; purgação, como em medicina) mas não alienação. A tragédia coloca em cena o *Páthos*; é o que se sofre, o sofrimento, a experiência que se adquire somente na dor. O conhecimento e experiência traduzidos por *Máthos*, palavra para conhecimento adquirido. Daí o adágio *páthei máthos*: “No sofrimento, o conhecimento”. E é exatamente a isso que a tragédia se propõe: a “cura”, a “purificação” do espectador. Mas ainda sobre o caráter catártico das encenações trágicas nos diz Loraux; “(...) é preciso referir a *kátharsis* a duas experiências simultâneas e contraditórias: a reflexidade metatrágica, que supõe um espectador bom entendedor que não é inteiramente possuído por seus afetos, e o pressentimento de um mundo cuja lei terrível e sedutora está bem distante da moral didática da cidade” É preciso esclarecer aqui que toda ética grega estrutura-se em torno do paradoxo do conceito de *Eudaimonia*, a felicidade, concebida como necessariamente dominada, mas sujeita a todo instante à força avassaladora do acaso (*tykhē*). E isso se reflete nas tragédias.

Não se sabe a origem exata da tragédia. Mas a palavra significa “canto do bode”. Isso sugere uma relação direta com Dioniso, o deus das vinhas, da fertilidade, da embriaguez. Em seus ditirambos, nas Grandes dionisíacas, o deus era acompanhado por um cortejo de Silenos e Sátiros, seres com pés de bode. Dioniso também teve sua “paixão”. Assim como Osíris, deus egípcio, foi morto, desmembrado e renasceu. Daí sua relação direta com os ciclos da natureza. Morte e vida, crescimento e regeneração. Daí também sua ligação com o solo e com o povo, que do solo dependia para sua subsistência. A tragédia grega é a evolução

natural das celebrações dionisíacas. Dioniso é o deus do povo, da plebe; por isso mesmo seu culto e o caráter dionisíaco das tragédias reveste as encenações trágicas de caráter nitidamente subversivo e questionador da realidade. Os conflitos urbanos podem ser esmiuçados e encenados no anfiteatro. Certamente. A solução poderia estar no sintagma platônico *polis kai anthropos* (a cidade e o homem)

Na Grécia clássica, Sófocles, Eurípides, Ésquilo e Aristófanes escreveram suas tragédias. Assassinatos, incestos, patrícios, torturas intra familiares, tudo isso fazia parte das tramas encenadas. As tragédias carregavam um forte significado metafórico. Dentro das urdiduras que se viam no palco podiam ser observadas críticas à aristocracia, ao imperialismo Grego, à própria filosofia como especulação impermeável ao homem comum. (Como em Aristófanes “As Nuvens” em que o autor zomba de Sócrates, colocando-o como figura etérea-sonhadora a pairar em nuvens) O gênero trágico carrega em si mesmo um objetivo também pedagógico para a Atenas do século V a.C.. Sobre a dimensão pedagógica da tragédia grega esclarece Sautet (98: p.234): “(...) o povo ateniense podia prescindir dos esclarecimentos dos “pensadores” para compreender o curso dos acontecimentos e a ordenação do mundo: indo ao teatro durante as grandes dionisíacas, distribuindo-se pelos degraus do semicírculo escavado no flanco da Acrópole, ele aprendia mais do que dando ouvido às especulações dos adeptos do logos. E de maneira muito mais agradável.” Por que não retomar hoje em dia esse mesmo caráter? Que, afinal, trata-se apenas de uma das muitas dimensões humanas que a tragédia carrega em si? O objetivo de difusão de conhecimento e inspiração filosófica também pode, sim, ser alcançado por intermédio do teatro. Podemos no lugar mesmo do anfiteatro promover um novo *Máthos*, e, talvez, não necessariamente impulsionado objetivamente por *Páthos*.

Bibliografia:

- ARANTES, Otilia B. Fiori *A cidade como não lugar*, In: AU n. 58 Fev/Mar 1995
- BARRIOS, Sonia (1979) *A produção do espaço*, In "Sobre la Construcción Social Del Espacio"
- BEZERRA, Ricardo F. (1998) *Manual para Estudantes e Profissionais de Paisagismo*. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Ceará (Mimeo)
- CARTAXO, Joaquim. (2001) *Caia a ficha*, Fortaleza (Mimeo)
- CENIQUEL & MACEDO *O paisagismo no Brasil – Introduzindo a questão*
- CILAGAS, Maurício *Cidade, arquitetura e beleza interior. Uma estética Blade runner da pós-modernidade periférica?*
- CHANG, Amos Ih Tiao (1956) *The Tao of architecture*. Princeton: Princeton
- CHAUÍ, Marilena *Merleau-Ponty, Obra de Arte e Filosofia*.
- CHAUÍ, Marilena (1992) *Convite à filosofia*.
- COMTE-SPONVILLE, André (1998) *Pequeno tratado das grandes virtudes*: Paris Martins Fontes
- DIZIOLI et al *Da Imaterialidade dos simulacros*, In: Óculum n. 9
- DUFRENNE, Mikel (1981) *Estética e filosofia*. Perspectiva
- DURANT, Will (1961) *A história da filosofia*. Nova Cultural
- ENGEL, Heino (1981) *Sistemas de estruturas*, Stuttgart: Hemus
- ÉPOCA - *Esquisito é pouco – Hotel em São Paulo reacende a discussão entre arquitetos: Deve a forma sobrepor-se ao conteúdo?* Ano IV, n. 191, 14 de janeiro de 2002
- GOMES, Ian *No consultório com um filósofo?* In: Jornal O Povo, Caderno Sábado, 4 de agosto de 2001
- GRAEFF, Edgar A. *Reflexões de Parceria. Cultura e Arquitetura*, In: Revista da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UNB, n. 1; Jan/1998
- HARVEY, David Espaços urbanos na “aldeia global”, “Reflexões sobre a condição urbana no capitalismo no final do século XX. Conferência proferida no Primeiro Congresso Pan-Americanano de Arquitetura, Ouro Preto MG, 24 set. 1992. Publicada no Cadernos de Arquitetura e Urbanismo – n. 1, ago 1994. Belo Horizonte. PUC – MG
- HOLANDA, Ruth Torres (2000) *Plano de requalificação urbana do Grande Benfica. – Pólo Cultural do Benfica* P.M.F. (Prefeitura Municipal de Fortaleza) S.E.R. IV (Secretaria Executiva Regional IV) (Mimeo)
- KUASS, Rosa Glena *O paisagismo no Brasil*
- LORAUX, Nicole *A tragédia Grega e o humano.*
- LYNCH, Kevin (1960) *A imagem da cidade*
- MACEIÓ, Silvio S. *A vegetação como elemento de projeto*
- MACEDO, Silvio Soares *Plano de massas – Um instrumento para o desenho da paisagem*

- MARINOFF, Lou (1999) *Mais Platão menos Prozac* – A filosofia aplicada ao cotidiano. Nova Iorque: Record
- MONTENEGRO, Gildo A. (1984) *Ventilação e cobertas*. São Paulo, Edgard Blucher
- NEGREIROS, Adriana *Um papo cabeça – Formados em filosofia se estabelecem como terapeutas e provocam a ira dos analistas*. In: Revista Veja, 29 de agosto de 2001
- NEUFERT, Ernst (1981) *A arte de projetar em arquitetura*. Gustavo Gili
- NIEMEYER, Oscar *Entre curvas e retas*. In: “Tendências/Debates” - Jornal Folha de São Paulo 30 de janeiro de 2000
- NORBERG-SCHULZ Christian (1971) *Space, Time and Architecture*, Londres, Studio Vista
- OSTROWER, Fayga *A construção do olhar*
- PALIMPSESTO – Revista dos Estudantes do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC, n.º “3”, segundo semestre de 1997
- PESSANHA, José A. Motta *As delícias do Jardim*
- PLATÃO *A República* – Texto integral: São Paulo Martin Claret
- SAUTET, Marc (1997) *Um Café para Sócrates* – Como a filosofia pode ajudar a compreender o mundo de hoje. Paris: José Olympio
- SCRUTON, Roger (1979) *Estética da arquitetura*. Martins Fontes
- VEJA - *Doutor da alegria – Coloridos e elegantes, o melhor dos hospitais da Rede Sarah é que não parecem hospitais*. Ano 35 n.4, 20 de janeiro de 2002
- WILSON, Colin St. John *The play of use and the use of play. “An interpretation of Wittgenstein’s comments on architecture”*, In Architectural Review, Julho 1986

Sites & internet

<http://www.epicurus.net/history.html>, Acessado em 22 de Agosto de 2001

<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp076.asp>, *Construindo a cultura na idéia de Cervi* Acessado em 3 de Setembro de 2001

Glossário de palavras e termos gregos, latinos e estrangeiros

Areté (Grego) *Virtus* (latim) – Virtude

Ars Longa Vita brevis – Máximo latino: “A arte é longa, a vida é breve”. Aforisma filosófico atestando a efemeridade da existência humana e a permanência das manifestações artísticas.

Atopos – Não-lugar; espaço desreferenciado.

Axis Mundi – Eixo do mundo.

Bunkers – Abrigos subterrâneos, casamatas enterradas; geralmente referenciam aos abrigos nucleares para o acaos de uma hecatombe nuclear.

Caput Mundi – Topo do mundo

Cogito ergo sum – Penso, logo existo.

Copy-Paste – Copiar-colar. Expressão do mundo da informática, copismo, plágio; copiar algo e inserir em documento.

De Rerum Natura – Obra de Epicuro

Diagnostic and Statistical Manual (DSM) – Manual de diagnóstico e estatística. Documento da sociedade norte-americana de psiquiatria que lista “todas” as psicopatologias.

Dramatis personae – Personagens da dramatização.

Eudaimonia – Concepção filosófica grega de felicidade.

Genius Loci – Espírito de lugar.

Gnothi Seauton – Conhece-te a ti mesmo. Dizeres inscritos no templo de Apolo em Delfos.

Gustibus nos est disputandum – Gostos não se discutem. Máxima latina.

Homo ludens – Literal: homem brincalhão, homem propeuso à jogos e novidades.

Insight – Idéia, pensamento criativo íntimo. Percepção interior de dada realidade ou fato.

Katharsis - Purificação, como por um rito; purgação, como em medicina.

Kepos – Jardim

Logos – A lógica, o saber, a razão filosófica.

Mathos – Conhecimento adquirido.

Nonsense – Palavra ou expressão ou atitude sem sentido, aparentemente sem significado.

Omphalos – Umbigo

On Nature – Obra de Epicuro.

Pane et circenses – Pão e circo.

Paredeisos – Parque

Páthei Mathos – “No sofrimento, o conhecimento”. *Philos* – Amizade, benquerença, amor filial não concupiscente.

Pathos – É o que se sofre, o sofrimento, a experiência que se adquire somente na dor.

Phármakon – Remédio, medicamento.

Polis – Cidade

Polis Kai Anthros - A cidade e o homem.

Post hoc ergo propter hoc – Princípio Filosófico que estabelece que se um evento acontece antes do outro, o que acontece antes é a causa do segundo.

Psukhē - “Alma” ou “alento” ou “caráter”. Daí psicoterapia, ser basicamente dar ouvidos a alguém.

Saison – Estação, temporada.

Scripta Manent Verba Volant – As palavras escritas permanecem; as faladas voam.

Slackers – Gíria norte-americana. Largados, descompromissados, alienados.

Sophia – Sabedoria.

Splendor Ordinis – Beleza, Magnificência na ordem, no planejamento.

Establishment – Estabelecimento; o estabelecido pela sociedade.

Therapeuein – “Dar atenção a” alguma coisa. “caráter”.

Trompe l'oeil – Enganar os olhos. Ilusão de ótica pictórica com a intenção de induzir uma percepção de profundidade.

Tykhé – Acaso. Força avassaladora do acaso.

Utilitas, Firmatas, Venustas – Funcionalidade, firmeza, beleza; preceitos vitruvianos da boa arquitetura; preceitos arquitetônicos clássicos.

Zeitgeist – Espírito de época.

